BELL HOOKS (1952–2021) E A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E CRÍTICA ÀS ESTRUTURAS SOCIAIS

Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian

BELL HOOKS (1952–2021) E A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E CRÍTICA ÀS ESTRUTURAS SOCIAIS.

Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian

Na sala onde as vozes se encontram,
o saber não desce, mas se ergue,
em diálogo, em partilha, em cuidado.
Aqui, aprender é respirar liberdade,
é sentir que cada mente floresce
quando o poder se exerce com
consciência.

Não há espaço para o medo da autoridade,
nem silêncio imposto pela hierarquia.
Cada palavra, cada gesto, cada olhar
é fio que tece uma comunidade viva,
onde o conhecimento é ponte,
não muro.

A pedagogia de Hooks nos lembra
que ensinar é ato de amor e resistência,
que questionar estruturas é crescer,
que compreender a opressão é libertar-se
e libertar o outro.

Na sala, no mundo, no íntimo,
educar é dançar entre rigor e empatia,
é construir juntos horizontes amplos,
é fazer do aprendizado
uma arma contra a injustiça
e um caminho para a vida plena.

Convidamos você a conhecer Bell Hooks (1952–2021), uma voz poderosa e transformadora no universo da educação, do feminismo e da justiça social. Mais do que uma teórica ou escritora, Hooks foi uma ativista que acreditava que ensinar e aprender são atos profundamente políticos, capazes de libertar mentes e corações. Sua obra nos desafia a repensar a sala de aula como um espaço de diálogo, criatividade e resistência, onde cada voz importa e cada experiência é valorizada.

Ao explorar a educação como prática da liberdade, Hooks nos mostra que aprender não é simplesmente acumular informações, mas engajar-se ativamente no processo de questionar, compreender e transformar o mundo ao nosso redor. Ela propõe uma pedagogia que integra intelecto, emoção e ética, onde professores e estudantes se tornam coautores do conhecimento e construtores de comunidades de aprendizado baseadas no respeito, no cuidado e na empatia.

Se você deseja refletir sobre como as estruturas de poder moldam nossas vidas, compreender as interseções entre raça, gênero e classe, e descobrir maneiras de utilizar a educação como ferramenta de emancipação, mergulhar no pensamento de Bell Hooks é um convite irresistível. Suas ideias não apenas inspiram práticas pedagógicas mais humanas, mas também nos motivam a agir com amor, coragem e compromisso com a justiça social.

Venha explorar o legado de Bell Hooks e descubra como a educação pode ser, verdadeiramente, um caminho para a liberdade, a igualdade e a transformação social. Prepare-se para desafiar o convencional, para imaginar novas possibilidades e para tornar cada ato educativo um gesto de esperança e mudança.

Juliana Balta Ferreira

BELL HOOKS (1952–2021) E A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E CRÍTICA ÀS ESTRUTURAS SOCIAIS.

Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian

Esta pesquisa, de caráter bibliográfico documental, tem como objetivo analisar a obra de Bell Hooks e suas contribuições para a educação como prática de liberdade e crítica às estruturas sociais. A metodologia utilizada consiste na revisão e análise de livros, artigos, entrevistas e ensaios publicados por Hooks e por outros autores que abordam pedagogia crítica, feminismo negro e interseccionalidade, permitindo compreender o contexto teórico e histórico de suas ideias (Creswell, 2021; Gil, 2008, 2018; Lakatos & Marconi, 2010, 2017). Bell Hooks, intelectual, escritora e ativista feminista norte-americana, dedicou sua trajetória acadêmica e social à reflexão sobre raça, gênero, classe e educação. Inspirada por Paulo Freire, ela propõe uma pedagogia libertadora, em que o conhecimento é construído em diálogo e em colaboração, rompendo com o modelo tradicional de ensino bancário e promovendo o desenvolvimento integral do estudante (Freire, 2020; Hooks, 2017). A autora enfatiza a importância de construir comunidades educativas nas salas de aula, nas quais cada voz é valorizada e o respeito mútuo se torna o alicerce para a aprendizagem significativa. Esse ambiente possibilita o crescimento intelectual, ético e emocional, fortalecendo o compromisso coletivo com o bem comum e estimulando a reflexão crítica sobre as estruturas sociais que reproduzem desigualdades (Hooks, 2003; Campos & Araujo, 2022). Hooks problematiza a questão do poder institucional. Sua experiência como professora universitária revela que o poder, por si só, não é negativo; o que importa é como ele é exercido. Ao utilizá-lo de maneira consciente e ética, o educador pode transformar hierarquias coercitivas em oportunidades de emancipação e desenvolvimento crítico, desafiando estruturas que mantêm privilégios e desigualdades (Hooks, 2017, p. 249). A integração entre conhecimento acadêmico e experiência de vida, defendendo que a educação deve conectar teoria e prática, intelecto e emoção, promovendo autonomia, empatia e ação ética no mundo (Hooks, 2000; Frankl, 2015). Hooks articula suas reflexões pedagógicas à crítica feminista e racial, abordando a interseccionalidade e a necessidade de conscientização social para combater opressões múltiplas (Beale, 1970; Crenshaw, 1989; Davidson & Yancy, 2013). Esta pesquisa bibliográfica documental evidencia que Bell Hooks constrói uma pedagogia que combina liberdade, crítica social e amor, oferecendo ferramentas para educadores e estudantes questionarem e transformarem as estruturas de poder e desigualdade. Sua obra permanece relevante para debates sobre educação crítica, feminismo negro e emancipação social.

Palavras-chave: Bell Hooks; educação como prática da liberdade; pedagogia crítica; interseccionalidade; pesquisa bibliográfica documental.

BELL HOOKS (1952–2021) AND EDUCATION AS A PRACTICE OF FREEDOM AND CRITIQUE OF SOCIAL STRUCTURES.

Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian

This bibliographic documentary research aims to analyze the work of Bell Hooks and her contributions to education as a practice of freedom and critique of social structures. The methodology employed consists of reviewing and analyzing books, articles, interviews, and essays published by Hooks and other authors addressing critical pedagogy, Black feminism, and intersectionality, allowing for an understanding of the theoretical and historical context of her ideas (Creswell, 2021; Gil, 2008, 2018; Lakatos & Marconi, 2010, 2017). Bell Hooks, an American intellectual, writer, and feminist activist, dedicated her academic and social trajectory to reflecting on race, gender, class, and education. Inspired by Paulo Freire, she proposes a liberatory pedagogy in which knowledge is constructed through dialogue and collaboration, breaking away from the traditional banking model of education and promoting the comprehensive development of students (Freire, 2020; Hooks, 2017). Hooks emphasizes the importance of building educational communities in the classroom, where each voice is valued and mutual respect becomes the foundation for meaningful learning. This environment fosters intellectual, ethical, and emotional growth, strengthening the collective commitment to the common good and encouraging critical reflection on social structures that reproduce inequalities (Hooks, 2003; Campos & Araujo, 2022). Hooks also problematizes the issue of institutional power. Her experience as a university professor shows that power in itself is not negative; what matters is how it is exercised. When used consciously and ethically, educators can transform coercive hierarchies into opportunities for emancipation and critical development, challenging structures that sustain privileges and inequalities (Hooks, 2017, p. 249).Another central aspect of her work is the integration of academic knowledge and life experience, advocating that education should connect theory and practice, intellect and emotion, promoting autonomy, empathy, and ethical action in the world (Hooks, 2000; Frankl, 2015). Additionally, Hooks links her pedagogical reflections to feminist and racial critique, addressing intersectionality and the need for social awareness to confront multiple forms of oppression (Beale, 1970; Crenshaw, 1989; Davidson & Yancy, 2013). This bibliographic documentary research demonstrates that Bell Hooks develops a pedagogy combining freedom, social critique, and love, providing educators and students with tools to question and transform structures of power and inequality. Her work remains relevant for discussions on critical education, Black feminism, and social emancipation.

Keywords: Bell Hooks; education as a practice of freedom; critical pedagogy; intersectionality; bibliographic documentary research.

BELL HOOKS (1952–2021) Y LA EDUCACIÓN COMO PRÁCTICA DE LIBERTAD Y CRÍTICA A LAS ESTRUCTURAS SOCIALES.

Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian

Esta investigación, de carácter bibliográfico documental, tiene como objetivo analizar la obra de Bell Hooks y sus contribuciones a la educación como práctica de libertad y crítica a las estructuras sociales. La metodología empleada consiste en la revisión y análisis de libros, artículos, entrevistas y ensayos publicados por Hooks y otros autores que abordan la pedagogía crítica, el feminismo negro y la interseccionalidad, permitiendo comprender el contexto teórico e histórico de sus ideas (Creswell, 2021; Gil, 2008, 2018; Lakatos & Marconi, 2010, 2017). Bell Hooks, intelectual, escritora y activista feminista estadounidense, dedicó su trayectoria académica y social a la reflexión sobre la raza, el género, la clase social y la educación. Inspirada por Paulo Freire, propone una pedagogía liberadora en la que el conocimiento se construye a través del diálogo y la colaboración, rompiendo con el modelo tradicional de enseñanza bancaria y promoviendo el desarrollo integral de los estudiantes (Freire, 2020; Hooks, 2017). Hooks enfatiza la importancia de construir comunidades educativas en el aula, donde cada voz sea valorada y el respeto mutuo se convierta en la base para un aprendizaje significativo. Este entorno favorece el crecimiento intelectual, ético y emocional, fortaleciendo el compromiso colectivo con el bien común y fomentando la reflexión crítica sobre las estructuras sociales que reproducen desigualdades (Hooks, 2003; Campos & Araujo, 2022). Hooks también problematiza la cuestión del poder institucional. Su experiencia como profesora universitaria demuestra que el poder, en sí mismo, no es negativo; lo que importa es cómo se ejerce. Cuando se utiliza de manera consciente y ética, los educadores pueden transformar jerarquías coercitivas en oportunidades de emancipación y desarrollo crítico, desafiando estructuras que sostienen privilegios y desigualdades (Hooks, 2017, p. 249). Otro aspecto central de su obra es la integración entre el conocimiento académico y la experiencia de vida, defendiendo que la educación debe conectar teoría y práctica, intelecto y emoción, promoviendo la autonomía, la empatía y la acción ética en el mundo (Hooks, 2000; Frankl, 2015). Además, Hooks vincula sus reflexiones pedagógicas con la crítica feminista y racial, abordando la interseccionalidad y la necesidad de conciencia social para enfrentar múltiples formas de opresión (Beale, 1970; Crenshaw, 1989; Davidson & Yancy, 2013). Esta investigación bibliográfica documental evidencia que Bell Hooks construye una pedagogía que combina libertad, crítica social y amor, proporcionando a educadores y estudiantes herramientas para cuestionar y transformar las estructuras de poder y desigualdad. Su obra sigue siendo relevante para los debates sobre educación crítica, feminismo negro y emancipación social.

Palabras clave: Bell Hooks; educación como práctica de libertad; pedagogía crítica; interseccionalidad; investigación bibliográfica documental.

BELL HOOKS (1952–2021) E A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE E CRÍTICA ÀS ESTRUTURAS SOCIAIS.

Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian

1. INTRODUÇÃO

A teórica, feminista e ativista Bell Hooks compreendia a educação como um espaço de resistência e emancipação, fundamental para promover transformações sociais. Influenciada por pensadores como Paulo Freire, Hooks defendia uma pedagogia engajada e transgressora, capaz de questionar e desmontar estruturas de dominação e opressão. Sua obra Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade (1994) é uma das principais expressões desse pensamento, propondo uma abordagem educacional que valoriza a participação ativa e crítica de todos os envolvidos (Hooks, 2017, p. 25).

> A educação como prática da liberdade representa uma forma de ensino que está ao alcance de todos, independentemente de idade ou contexto. Aprender deixa de ser apenas uma tarefa mecânica e se transforma em um processo significativo, no qual o conhecimento se constrói a partir da interação e da participação ativa dos alunos. Para os professores que percebem sua vocação como algo mais profundo e quase sagrado, esse caminho se torna mais natural. Eles entendem que o papel do educador vai além de simplesmente transmitir informações: consiste em contribuir para o desenvolvimento intelectual, emocional e espiritual de cada estudante. Ensinar de maneira que respeite e valorize a singularidade de cada indivíduo é fundamental para criar um ambiente seguro e acolhedor, no qual os alunos possam explorar ideias, questionar conceitos e se engajar verdadeiramente com o aprendizado. É nesse espaço de cuidado e atenção que o ensino pode tocar o que há de mais íntimo em cada pessoa, permitindo que o conhecimento floresça a partir de uma experiência genuinamente transformadora. A prática pedagógica se torna não apenas um ato de instrução, mas um compromisso com a liberdade e o crescimento integral de quem aprende (Hooks, 2017; grifo de Drumond Ischkanian, 2025).

Para Hooks, a educação como prática da liberdade é um direito e um recurso acessível a todos, independentemente da idade, origem social ou contexto cultural. Aprender, nesse sentido, não se resume a um ato mecânico de memorização ou à simples acumulação de informações; trata-se de um processo dinâmico e significativo, no qual o conhecimento se constrói por meio da

interação, do diálogo e do engajamento ativo dos estudantes. A sala de aula, deixa de ser um espaço de autoridade unilateral e passa a ser um ambiente colaborativo, no qual professores e alunos co-criam o aprendizado, compartilhando experiências, ideias e reflexões críticas (Hooks, 2017, p. 33).

Para os educadores que percebem sua vocação como algo profundo e quase sagrado, essa abordagem se torna natural. Eles entendem que seu papel não é apenas transmitir conteúdos, mas fomentar o crescimento integral de cada estudante, abrangendo as dimensões intelectual, emocional e espiritual. Tal compreensão exige sensibilidade, empatia e um compromisso ético com o desenvolvimento do outro, reconhecendo que cada indivíduo possui singularidades, conhecimentos prévios e potencialidades próprias que merecem ser respeitados e valorizados.

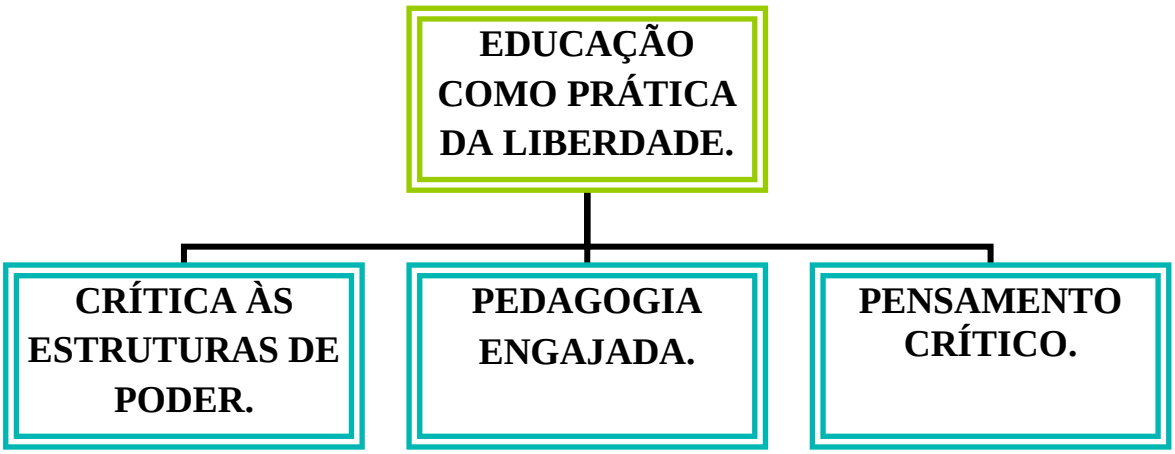
Criar ambientes de aprendizagem que acolham essas diferenças e promovam o diálogo é fundamental, pois permite que os alunos explorem ideias, questionem conceitos estabelecidos e se engajem de forma plena e consciente no processo educativo. Esse engajamento transforma o aprendizado em uma experiência íntima e significativa, capaz de estimular não apenas o crescimento cognitivo, mas também a reflexão crítica sobre si mesmo e sobre o mundo (Hooks, 2020, p. 67).

Hooks reforça que a prática pedagógica deve ser entendida como um compromisso contínuo com a liberdade e a emancipação de cada indivíduo, um compromisso que vai além das tarefas técnicas do ensino para abraçar sua dimensão ética, social e transformadora. Para ela, a educação não é neutra nem desprovida de impacto; cada ação do professor na sala de aula carrega potencial de libertar ou limitar o crescimento intelectual, emocional e espiritual dos estudantes (Hooks, 2017, p. 33).

Ao valorizar a participação ativa dos alunos, os professores incentivam o desenvolvimento de sujeitos autônomos, críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Essa valorização implica reconhecer que cada estudante traz consigo experiências, perspectivas e saberes únicos, que enriquecem o aprendizado coletivo. O papel do educador, então, não é apenas transmitir conteúdos, mas criar condições para que o conhecimento seja construído de forma colaborativa, promovendo o diálogo, a reflexão crítica e o engajamento ativo.

O ensino deixa de ser uma prática mecânica ou passiva e se transforma em uma ação profundamente transformadora. Ele atua no núcleo mais íntimo da experiência humana, despertando a capacidade de pensar, questionar e agir de forma ética e consciente no mundo. Esse processo não impacta apenas os estudantes individualmente, mas reverbera na comunidade escolar como um todo, fortalecendo relações de solidariedade, respeito mútuo e responsabilidade social.

Hooks enfatiza que a educação como prática de liberdade deve integrar amor, cuidado e compromisso com a justiça social. Um professor que ensina com atenção, empatia e respeito não apenas transmite conhecimento, mas contribui para a formação de cidadãos críticos, sensíveis e engajados, capazes de transformar realidades e enfrentar estruturas de opressão. Em síntese, a pedagogia hooksiana convida educadores a enxergar cada sala de aula como um espaço de potencial revolucionário, onde liberdade, colaboração e consciência social se entrelaçam para gerar mudanças duradouras na vida dos alunos e na sociedade (Hooks, 2020, p. 67-68; Hooks, 2017, p. 249; grifos de Drumond Ischkanian, 2025). Os pilares centrais da pedagogia de Hooks incluem:



Fonte: Balta Ferreira, Cabral, Ischkanian e Ischkanian, 2025.

Para Hooks, o aprendizado não deve ser passivo, mas um caminho rumo à emancipação. Ela criticava o modelo tradicional de ensino, que separa mente e corpo, coloca o professor como única autoridade e transforma o aluno em receptor de informações. Propunha, em contrapartida, uma educação dialógica, na qual todos participam ativamente da construção do conhecimento, exercendo suas vozes e potencialidades. Sobre sua experiência na instituição Booker T. Washington, Hooks observa: “Minhas professoras tinham uma missão” (Hooks, 2017, p. 11, grifo nosso), destacando a relevância da vocação para o desenvolvimento integral do ser humano. Ela reforça que, especialmente em contextos universitários, é raro discutir o propósito do papel docente, sendo necessário o autoconhecimento para preencher essa lacuna (Hooks, 2020, p. 67).

Hooks abordava a educação a partir de uma perspectiva feminista e interseccional, considerando como raça, gênero e classe influenciam a experiência escolar. Denunciava o silenciamento das minorias e questionava a supremacia branca e patriarcal presente nos espaços de ensino (Hooks, 2017, p. 45).

Essa abordagem busca reavivar o entusiasmo pela aprendizagem, incentivando o pensamento crítico e a análise das desigualdades sociais. A pedagogia engajada exige interação

honesta entre professor e aluno, permitindo a troca de experiências e a construção de uma comunidade de aprendizagem baseada em diálogo e empatia (Hooks, 2003, p. 57-58).

Ao adotar uma pedagogia crítica inspirada em Paulo Freire, inicio minhas aulas partindo do princípio de que é essencial construir uma verdadeira comunidade, capaz de promover abertura, diálogo e rigor intelectual. Em vez de focar apenas na segurança ou na manutenção da disciplina, procuro cultivar um senso genuíno de pertencimento, no qual todos compartilham um compromisso com o bem comum. Essa sensação de comunidade fortalece as relações entre professores e alunos e cria condições favoráveis para a aprendizagem significativa.

No centro dessa perspectiva está a ideia de que todos os participantes da sala de aula compartilham, idealmente, o mesmo objetivo: aprender de forma profunda e transformadora.

O aprendizado, segundo Hooks, não é passivo; envolve receber, questionar e reconstruir o conhecimento, expandindo tanto o desenvolvimento intelectual quanto a capacidade de agir conscientemente no mundo.

Valorizar cada voz na sala é uma das maneiras mais efetivas de consolidar essa comunidade. Cada perspectiva é única e essencial para a construção coletiva do saber. Ao ouvir e integrar essas experiências, o ensino se torna um ato de colaboração, transformando professor e alunos em coautores do processo educativo e promovendo respeito, empatia e responsabilidade compartilhada (Hooks, 2017, p. 57-58; grifos de Drumond Ischkanian, 2025).

> No cerne dessa abordagem está a convicção de que todos os participantes da sala de aula compartilham, idealmente, o mesmo desejo: aprender de forma significativa. Esse aprendizado não é passivo; trata-se de receber, questionar e transformar o conhecimento, ampliando tanto o desenvolvimento intelectual quanto a capacidade de cada indivíduo de viver de forma mais consciente e engajada no mundo. Minha experiência mostra que uma das maneiras mais eficazes de fortalecer essa comunidade é valorizar cada voz presente na sala, reconhecendo que cada perspectiva é única e essencial para a construção coletiva do saber. Ao ouvir e integrar essas diferentes experiências e entendimentos, o ensino se torna um ato de colaboração, no qual professor e alunos se tornam coautores do processo educativo, cultivando não apenas conhecimento, mas também respeito mútuo, empatia e responsabilidade compartilhada (Hooks, 2017, p. 57-58, grifos de Drumond Ischkanian, 2025).

Para Hooks, o pensamento crítico é ferramenta indispensável para compreender as complexas relações de poder e opressão. A educação não deve limitar-se à transmissão de conteúdos, mas desafiar os alunos a analisar o "o quê", o "quando" e o "porquê" das estruturas e eventos sociais. Isso exige questionar concepções próprias, evitando a reprodução de racismo, sexismo e outras formas de dominação.

Hooks enfatiza a importância de conectar o desenvolvimento intelectual à vida interior. Ela destaca que o crescimento pessoal envolve o cultivo da criatividade, do mistério e das possibilidades que residem no âmago do ser humano: “fundamentos de nosso ser – lugar de

mistério, criatividade e possibilidades" (Hooks, 2020, p. 255, grifo nosso). Para a autora, essa reflexão implica assumir uma postura altruísta, considerando a missão do indivíduo no mundo e o legado que deseja deixar, bem como a necessidade de cuidar da dimensão espiritual: "a força que vem do cultivo da vida interna, que afirma as necessidades do espírito" (Hooks, 2020, p. 225). Para Hooks, o desenvolvimento interno é condição para alcançar aspirações mais elevadas e agir de forma transformadora na sociedade.

Bell Hooks (2020) ressalta que "é evidente que professores têm mais poder e, de fato, mais responsabilidade pelo que acontece na sala de aula" (p. 184), mas também enfatiza que os estudantes influenciam a dinâmica do ambiente. A partir dessa perspectiva, podemos compreender que a autoridade docente não precisa necessariamente reforçar estruturas opressivas; pelo contrário, quando exercida de maneira consciente, ela pode promover relações de respeito e colaboração. Hooks reforça essa ideia ao afirmar: "(…) fico sempre impressionada com nosso poder como professores, de ajudar ou machucar nossos estudantes, de fortalecer seu espírito ou quebrá-lo" (2020, p. 105). Assim, o poder docente não é intrinsecamente corruptor: seu efeito depende da forma como é exercido, podendo gerar um ambiente de aprendizado saudável e humano.

Ao assumir minha primeira turma universitária, vivenciando também minha identidade de feminista, sentia um temor intenso de exercer qualquer forma de autoridade que pudesse reproduzir elitismo de classe ou outras formas de dominação. Inicialmente, tentei minimizar as diferenças de poder entre alunos e professora, como se estivéssemos em completa igualdade. Com o tempo, percebi que essa postura era inadequada.

A verdadeira transformação começou quando passei a refletir sobre meu medo do poder e como ele se relacionava com minha experiência de classe, marcada pela observação de pessoas em posições de autoridade utilizando seu poder para coagir ou dominar. Compreendi, então, que o poder, em si, não é negativo; o que importa é a maneira como é exercido.

Dentro do contexto institucional em que atuava, compreendi que era minha responsabilidade encontrar maneiras conscientes e construtivas de exercer minha autoridade profissional. Reconhecer meu papel dentro de estruturas que frequentemente legitimam hierarquias coercitivas me levou a refletir sobre o poder não como um instrumento de dominação, mas como uma ferramenta capaz de promover emancipação e fortalecer o aprendizado. Essa percepção transformou a forma como me relacionava com os estudantes, orientando minhas escolhas pedagógicas e minhas interações diárias.

O exercício ético do poder implica assumir que cada decisão do educador tem impacto direto sobre o desenvolvimento intelectual, emocional e social dos alunos. Em vez de buscar

controle absoluto ou uniformidade, o desafio é criar um ambiente em que todos se sintam valorizados e encorajados a participar ativamente do processo educativo. Isso significa orientar e inspirar, mas também ouvir, dialogar e reconhecer a agência de cada estudante, permitindo que eles se tornem coautores do próprio aprendizado.

Para Hooks (2017, p. 249), o poder docente pode ser transformador quando utilizado com responsabilidade: ele deixa de ser um mecanismo de coerção e passa a ser um recurso de construção coletiva, capaz de fomentar autonomia, pensamento crítico, respeito mútuo e solidariedade dentro da sala de aula. Esse enfoque exige do professor constante reflexão sobre suas próprias atitudes e decisões, cultivando uma prática pedagógica fundamentada na ética, na empatia e no cuidado.

Direcionar o poder de forma consciente permite confrontar e subverter estruturas de opressão presentes nas instituições de ensino. Ao transformar a autoridade em um meio de fortalecimento e emancipação, o educador cria espaços seguros e inclusivos, nos quais os alunos se sentem motivados a explorar ideias, questionar normas sociais injustas e desenvolver plenamente suas capacidades. O poder não é um obstáculo à liberdade, mas uma ferramenta que, quando manejada com consciência e compromisso, contribui para a formação de sujeitos críticos, autônomos e socialmente engajados (grifos de Drumond Ischkanian, 2025).

> Quando assumi minha primeira turma como professora universitária e também como feminista, sentia um medo profundo de exercer qualquer forma de autoridade que pudesse reproduzir o elitismo de classe ou outras estruturas de dominação. Movida por esse receio, tentei ignorar as diferenças de poder entre mim e os alunos, como se todos estivéssemos em pé de igualdade. Com o tempo, percebi que essa postura era um equívoco. A verdadeira transformação começou quando passei a questionar meu medo do "poder" e a compreender como ele estava intimamente ligado às minhas próprias experiências de classe. Eu havia testemunhado, muitas vezes, pessoas em posição de autoridade usarem seu poder para coagir, dominar e maltratar aqueles que não o possuíam. Foi a partir dessa reflexão que entendi que o poder, por si só, não é algo negativo: o que importa é como ele é exercido. Dentro do contexto institucional em que atuava, cabia a mim criar formas construtivas de utilizar meu poder profissional. Ao reconhecer meu papel dentro de estruturas que frequentemente legitimam a manutenção de hierarquias coercitivas, percebi que o exercício consciente do poder podia se tornar um instrumento de emancipação e de fortalecimento do aprendizado. O desafio, então, não era eliminar o poder, mas direcioná-lo de modo ético, colaborativo e transformador, buscando sempre favorecer a autonomia, o crescimento e o respeito mútuo dentro da sala de aula (Hooks, 2017, p. 249, grifos de Drumond Ischkanian, 2025).

Hooks defendia que a educação deveria ser permeada pelo amor, entendido como cuidado e compromisso, e orientada por um desejo de justiça social. Essa combinação é essencial para criar ambientes acolhedores e inspirar ações transformadoras.

O legado de Bell Hooks propõe repensar a sala de aula como um espaço intrinsecamente político e libertador, onde educadores e estudantes não são apenas receptores ou transmissores de conhecimento, mas agentes ativos de transformação social. Para Hooks, a educação deve ir além

da simples instrução acadêmica: ela é uma prática que conecta intelecto, emoção e ética, permitindo que os indivíduos reconheçam seu papel no mundo e sua capacidade de influenciar as estruturas sociais de maneira consciente e responsável. Nesse contexto, a sala de aula torna-se um local de resistência e reflexão crítica, no qual ideias, experiências e subjetividades são valorizadas e integradas ao processo de aprendizado coletivo (Hooks, 2017, p. 57-58).

A autora enfatiza que a educação deve ser permeada pelo amor, entendido como cuidado, atenção e compromisso genuíno com o desenvolvimento do outro. Esse amor pedagógico não é sentimentalismo vazio, mas uma prática ética que visa fortalecer a autoestima, o senso de pertencimento e a responsabilidade mútua entre professores e alunos. Combinado a isso, o anseio por justiça social transforma o ambiente educacional em um espaço que reconhece e confronta desigualdades de gênero, raça, classe e outras formas de opressão, promovendo consciência crítica e engajamento social (Hooks, 2000, p. 225-255).

Ao propor uma educação que integra amor e justiça social, Hooks convida educadores e estudantes a verem a aprendizagem como um processo profundamente humano, capaz de cultivar empatia, solidariedade e autonomia. Ela demonstra que a verdadeira transformação não se limita à aquisição de conhecimentos técnicos, mas inclui a capacidade de agir de forma ética e responsável no mundo, questionando normas injustas e construindo alternativas mais equitativas.

O legado de Bell Hooks não se restringe às práticas pedagógicas em si, mas amplia a compreensão do propósito da educação: ela deve formar sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a justiça, capazes de transformar não apenas a si mesmos, mas também a sociedade em que vivem. Sua visão inspira uma pedagogia que valoriza a experiência, a diversidade e a participação ativa, reforçando a ideia de que o espaço educacional é um campo de possibilidades, onde liberdade, cuidado e engajamento social se entrelaçam para promover mudanças significativas e duradouras.

2. DESENVOLVIMENTO

Gloria Jean Watkins é o nome de nascimento de Bell Hooks. Ela nasceu em 1952 na cidade de Hopkinsville, no estado de Kentucky, no sul dos Estados Unidos, uma comunidade marcada pela segregação racial. Cresceu em uma família de classe trabalhadora: seu pai trabalhava como zelador e sua mãe era dona de casa. Bell Hooks foi criada ao lado de cinco irmãs e um irmão, em um ambiente familiar que valorizava os laços e a convivência.

O pseudônimo Bell Hooks foi escolhido em homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks, uma mulher conhecida na família por sua coragem e franqueza ao expressar a verdade. Bell Blair Hooks era reconhecida por sua língua afiada e pela honestidade direta. Ao iniciar sua carreira

como escritora, Gloria Jean Watkins adotou o nome de sua bisavó, reivindicando esse legado de coragem e assertividade, refletindo a própria inclinação, desde a infância, para a expressão clara de suas ideias.

Bell Hooks se consolidou como uma das intelectuais mais influentes das últimas décadas. Entre a década de 1980 e 2021, ela publicou mais de 30 livros, articulando ideias complexas em uma linguagem acessível, capaz de dialogar com leitores diversos sem recorrer a simplificações. Sua produção aborda, de maneira direta e contundente, as interconexões históricas entre imperialismo econômico, supremacia branca e patriarcado, oferecendo ferramentas teóricas essenciais para compreender como raça, classe e gênero se manifestam nas práticas culturais, acadêmicas, subjetivas e cotidianas.

No âmbito da pedagogia crítica, Hooks defende a atenção ao "bem-estar espiritual, o cuidado da alma" (Hooks, 2017, p. 28-29), indicando que enfrentar essas questões fundamentais é decisivo para desenvolver relações mais equilibradas consigo mesmo, com a natureza e com os outros. Como destaca Almeida (2021), o cuidado individual não se dissocia do cuidado coletivo, evidenciando a dimensão social de sua reflexão ética.

Diante de uma autora de trajetória tão singular, surge a questão: como seus temas centrais e seu estilo narrativo foram sendo moldados ao longo de sua vida intelectual? Com essa indagação, o presente verbete busca traçar um panorama da vida e da obra de Bell Hooks, enfocando especialmente sua trajetória intelectual e os processos que a definiram como pensadora crítica.

Para estruturar essa análise, o verbete está organizado em três partes. A primeira aborda aspectos biográficos, destacando sua relação com o conhecimento, o ambiente escolar e universitário. A segunda contextualiza sua obra na emergência dos feminismos negros nas décadas de 1970 e 1980, mostrando como Hooks dialoga e contribui para esse movimento (Bambara, 1970; Beale, 1970, p. 109-122). Por fim, a terceira seção explora os temas recorrentes em seus escritos, incluindo críticas à prática pedagógica, reflexões sobre produção cultural, espiritualidade, amor, autoestima e as interações entre raça, classe e gênero, demonstrando a amplitude e a profundidade de sua contribuição intelectual.

A pedagogia crítica busca transformar a consciência e oferecer aos estudantes formas de conhecimento que lhes permitam compreender melhor a si mesmos e se engajar plenamente no mundo (Hooks, 2017, p. 257, grifo nosso). Sob essa perspectiva, o aprofundamento do autoconhecimento, a descoberta da própria vocação e a definição de um propósito de vida constituem práticas educativas e psicológicas de grande valor. Isso porque as mudanças internas, que reconfiguram a subjetividade, têm impactos diretos na forma como nos relacionamos com o

mundo exterior, influenciando desde o engajamento em causas sociais e a escolha de orientações filosóficas ou religiosas até a maneira de conduzir relações familiares, amizades, vínculos afetivos e até mesmo a forma como o tempo livre é ocupado com lazer e esportes.

Nascer mulher negra no sul dos Estados Unidos na década de 1950, em um contexto marcado pela segregação racial e por estruturas familiares patriarcais, significava enfrentar oportunidades extremamente limitadas. Para mulheres negras, as perspectivas de vida eram frequentemente restritas ao trabalho doméstico, ao casamento e à maternidade. Para aquelas que demonstravam interesse por leitura e estudo, como foi o caso de Hooks, a carreira de professora era uma das poucas possibilidades profissionais.

Em suas memórias *Wounds of Passion: A Writing Life* (Hooks, 1997), Bell Hooks descreve que, no contexto de sua época, a profissão de professora era vista quase como um sacerdócio, exigindo renúncia à vida amorosa e sexual. As meninas não eram estimuladas a desenvolver plenamente seu intelecto, refletindo a crença de seu pai de que "os homens não gostam de mulheres que falam o que pensam" (Hooks, 1997). Desde a infância, Hooks enfrentou punições e restrições por expressar suas ideias, experiências que moldaram sua sensibilidade crítica e sua determinação em desafiar estruturas de poder e opressão.

Enquanto o ambiente familiar restringia sua liberdade de pensamento, foi na escola segregada que Bell Hooks encontrou modelos inspiradores em professoras negras que valorizavam a inteligência de suas alunas. Para essas educadoras, a educação não se limitava à transmissão de conteúdos ou à preparação profissional (Hooks, 2020, p. 23). Ao contrário, ela promovia o desenvolvimento do intelecto aliado ao compromisso com a justiça social, enfatizando a igualdade racial e a responsabilidade ética do estudante na sociedade.

Hooks narra que a construção de sua voz exigiu coragem e persistência: envolver-se em diálogos de adultos, responder a perguntas não dirigidas a si mesma, formular questionamentos incessantes e discursar de forma contínua era sua forma de se afirmar. Tais ações eram constantemente reprimidas, pois o objetivo das punições era silenciar a criança, especialmente a menina. Ela lembra: "Se eu fosse um menino, eles teriam me encorajado a falar, acreditando que assim, algum dia, eu poderia ser chamado para pregar" (Hooks, 2019a, p. 32).

> "Para construir a minha voz eu tinha que falar – e falar foi o que fiz – lançando-me para dentro e para fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem-fim, discursando. Nem preciso dizer que as punições para esses atos discursivos eram infinitas. Elas tinham o propósito de silenciar – a criança, mais particularmente a menina. Se eu fosse um menino, eles teriam me encorajado a falar, acreditando que assim, algum dia, eu poderia ser chamado para pregar". (Hooks, 2019a, p. 32)

As experiências vividas por Bell Hooks durante sua infância e adolescência foram fundamentais para moldar sua consciência crítica e orientar sua futura atuação como educadora e teórica feminista. Crescer em Hopkinsville, uma pequena cidade segregada no sul dos Estados Unidos, em um contexto de opressão racial e patriarcal, expôs Hooks desde cedo às limitações impostas às meninas negras, tanto no âmbito familiar quanto escolar. Essas experiências a ensinaram que o desenvolvimento do intelecto e da autonomia das meninas negras era frequentemente reprimido, criando obstáculos que somente poderiam ser superados por meio de um compromisso profundo com a educação libertadora (Hooks, 1997).

A escola, no início, representava para Hooks um espaço de prazer e descoberta. Ela relatou: "Naquela época, ir à escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adorava aprender. A escola era o lugar do êxtase – do prazer e do perigo. Ser transformada por ideias novas era puro prazer" (Hooks, 2013, p.11). Para ela, aprender não era apenas adquirir informações, mas uma experiência que permitia explorar novas perspectivas, questionar o mundo e imaginar possibilidades de mudança. Essa percepção inicial da educação como algo prazeroso e transformador seria central para a construção de sua pedagogia crítica.

> Durante sua infância, Bell Hooks descreve a experiência escolar como um espaço de intensa alegria e descoberta, um lugar onde o ato de aprender transcende a simples aquisição de conhecimento e se transforma em uma experiência profundamente significativa e transformadora. Para ela, ser aluna não se resumia a cumprir tarefas ou memorizar conteúdos; era sentir o prazer de expandir horizontes, de confrontar ideias, de questionar o mundo à sua volta e de mergulhar em experiências intelectuais que provocavam tanto entusiasmo quanto desconforto, pois aprender implicava também lidar com desafios e confrontar limitações impostas pelo contexto social e familiar. A escola, nesse sentido, funcionava como um território ambivalente, ao mesmo tempo fonte de êxtase e de risco, onde cada nova descoberta se tornava um passo na construção de sua autonomia, de sua consciência crítica e de sua capacidade de questionar estruturas de poder e opressão. Hooks vivenciava a educação como uma prática de liberdade desde cedo, reconhecendo que o aprendizado genuíno exige engajamento ativo, curiosidade insaciável e coragem para enfrentar ideias que desafiam convicções estabelecidas. Esse entusiasmo pelo conhecimento moldou sua visão pedagógica futura, inspirando a defesa de ambientes escolares que valorizem a voz, a individualidade e a participação de cada estudante, transformando a sala de aula em um espaço de emancipação intelectual, emocional e ética, onde o prazer de aprender se entrelaça com o compromisso de construir uma sociedade mais justa e igualitária (Hooks, 2013, p.11; grifos de Drumond Ischkanian, 2025).

Essa citação evidencia a profunda relação de Hooks com o aprendizado, mostrando que a experiência escolar, para ela, ia muito além da mera aquisição de conteúdos. Cada dia na escola representava uma oportunidade de descoberta, de expansão da mente e do espírito, um espaço onde a curiosidade e o engajamento intelectual eram motivos de entusiasmo e realização pessoal.

Ao afirmar que a escola era simultaneamente "lugar do êxtase – do prazer e do perigo", Hooks nos lembra que aprender é um processo intenso, que envolve risco e vulnerabilidade. O prazer advém do contato com novas ideias, do desafio de pensar criticamente e do estímulo à

imaginação, enquanto o "perigo" aponta para o confronto inevitável com normas sociais, preconceitos e estruturas de opressão que, desde cedo, buscam limitar a expressão das vozes marginalizadas, especialmente das meninas negras (grifo de Drumond Ischkanian, 2025). Essa experiência inicial de felicidade e desafio na escola cria a base para a pedagogia crítica que Hooks desenvolveria ao longo da vida. Ela compreende que a educação não deve ser um espaço neutro ou meramente instrumental, mas um território onde o intelecto, a autonomia e a sensibilidade ética são cultivados simultaneamente. O êxtase do aprendizado, portanto, não é apenas um prazer individual, mas um primeiro passo para compreender a dimensão coletiva e transformadora da educação.

A lembrança do prazer em aprender revela a importância da valorização da experiência do aluno, que deve ser reconhecida e respeitada como central no processo educativo. Para Hooks, o engajamento emocional e intelectual caminham juntos, e o aprendizado significativo só ocorre quando o estudante é estimulado a interagir, questionar e refletir sobre o conteúdo, construindo seu próprio conhecimento de forma ativa e participativa.

Essa afirmação também permite compreender como Hooks percebia a educação como prática de liberdade: a escola, nesse contexto, é um espaço de emancipação, onde a mente se liberta das limitações impostas por preconceitos raciais, sociais e de gênero. Cada momento de descoberta, cada ideia nova internalizada, representa um ato de resistência contra a marginalização e a opressão, preparando o terreno para a formação de sujeitos críticos e conscientes.

O entusiasmo relatado por Hooks evidencia a dimensão estética e sensível do aprendizado, mostrando que a educação não é apenas racional, mas também emocional e espiritual. Esse aspecto é essencial para a pedagogia que ela propõe, na qual o cuidado com a alma do estudante, a valorização de sua subjetividade e o respeito à sua singularidade constituem pilares para a construção de um ensino transformador.

O relato de Hooks nos convida a refletir sobre como experiências de prazer e risco no aprendizado podem ser replicadas na prática docente contemporânea. Professores que adotam essa perspectiva buscam criar ambientes de sala de aula que estimulem a curiosidade, promovam o diálogo, reconheçam a importância da voz de cada aluno e transformem a educação em uma experiência realmente libertadora.

Ao entrar na adolescência, a vivência escolar de Bell Hooks passou por uma mudança significativa ao ingressar em uma escola dessegregada, momento que evidenciou de forma clara os efeitos do racismo institucionalizado e das desigualdades estruturais. Nesse novo contexto, Hooks percebeu que a educação formal poderia servir tanto para emancipar quanto para reproduzir

hierarquias sociais, marginalizando vozes historicamente silenciadas e limitando o acesso a recursos e oportunidades de aprendizagem, experiências que mais tarde fundamentariam sua crítica às estruturas de poder na educação (Almeida, 2021). Entre 1876 e 1965, nos estados do Sul dos Estados Unidos, vigoravam as chamadas leis de Jim Crow, que oficializavam a segregação racial ao separar negros e brancos em assentos de trens, bebedouros e escolas. Embora o sistema se proclamasse "separado, porém igual", na prática mantinha as pessoas negras em posições subordinadas, restringindo-lhes o acesso a educação de qualidade e oportunidades profissionais, e criando um contexto de exclusão que Hooks testemunhou diretamente (Cashmore, 2000, p. 505-508).

O impacto dessas experiências contribuiu para que Hooks compreendesse a necessidade de uma pedagogia crítica, capaz de desafiar estruturas sociais opressivas e promover a emancipação de todos os estudantes, especialmente daqueles cujas vozes eram tradicionalmente silenciadas (Beale, 1970; Bambara, 1970). O movimento pelos direitos civis, que ganhou força nos anos 1950 nos Estados Unidos, também influenciou a reflexão de Hooks sobre educação, mostrando que, apesar das conquistas legais e das ações afirmativas, os preconceitos históricos continuavam a marcar as práticas escolares e a limitar a plena participação dos estudantes negros na vida acadêmica (Almeida, 2021). Para Hooks, entender esse contexto histórico era crucial para desenvolver uma pedagogia que integrasse a crítica social à prática educativa, fortalecendo a consciência crítica e o engajamento social dos alunos.

Nesse contexto, Hooks defendia que a educação deveria ser um espaço de resistência e libertação, no qual os estudantes pudessem refletir sobre seu papel na sociedade e exercer autonomia intelectual (Campos & Araujo, 2022). O professor, nesse modelo, deixa de ser apenas um transmissor de conteúdos e assume o papel de mediador, incentivando a participação ativa, reconhecendo a diversidade de experiências e valorizando a singularidade de cada aluno. Essa abordagem fortalece a formação de sujeitos conscientes, críticos e capazes de atuar de forma ética e engajada no mundo.

Ao perceber o impacto da segregação e das desigualdades estruturais em sua própria trajetória, Hooks consolidou a ideia de que a educação pode ser uma ferramenta de libertação quando centrada na valorização da voz individual, na promoção da equidade e na construção de uma comunidade escolar comprometida com a justiça social (Almeida, 2021; Beale, 1970).

A autora também destacou a importância de conectar o aprendizado à justiça social. Para Hooks, a pedagogia libertadora não se limita ao intelecto; ela envolve cuidado, empatia e compromisso ético com o outro. Ensinar é um ato que pode transformar não apenas o indivíduo,

mas toda a comunidade escolar, promovendo um ambiente em que a igualdade, o respeito e o amor orientam as interações entre professores e alunos (Hooks, 2017).

Hooks demonstrou que enfrentar as desigualdades exige atenção à interseccionalidade, ou seja, à forma como raça, gênero e classe se cruzam para moldar experiências de opressão e exclusão. Sua pedagogia crítica se propõe a reconhecer essas complexidades e a oferecer estratégias de empoderamento, garantindo que cada estudante possa desenvolver plenamente seu potencial, independentemente de suas condições sociais ou raciais.

A trajetória de Bell Hooks revela que a educação pode ser um instrumento de transformação social quando se reconhece a importância de ouvir vozes historicamente silenciadas, cultivar a autonomia e a crítica e integrar aprendizado e compromisso ético (Hooks, 2020; Cashmore, 2000; Campos & Araujo, 2022). Seu legado inspira educadores a construir salas de aula que sejam espaços políticos, críticos e libertadores, nos quais o conhecimento se transforma em ação e o desenvolvimento integral do indivíduo se conecta à promoção da justiça social.

Durante seu período no ensino médio, Bell Hooks passou a frequentar uma escola dessegregada, experiência marcada por intensa tristeza e sensação de exclusão, pois os estudantes negros eram submetidos a um racismo sistêmico e cotidiano dentro do ambiente escolar. Ela relata que momentos de vulnerabilidade emocional, como chorar silenciosamente durante as aulas, passavam despercebidos pelos colegas e professores, revelando a falta de acolhimento e empatia no contexto da supremacia branca (Hooks, 2020, p. 128-129). Esse episódio evidencia como a segregação não apenas separava fisicamente estudantes negros e brancos, mas também impunha barreiras psicológicas e sociais que reforçavam a marginalização e o silenciamento de vozes historicamente oprimidas.

A perspectiva pedagógica de Hooks vai além do enfrentamento das desigualdades externas e integra a dimensão da autorrealização e do desenvolvimento integral. Ao defender uma educação que articula mente, corpo e espírito, ela propõe uma pedagogia crítica que reconhece a importância do cultivo da personalidade e da descoberta da própria vocação como caminhos para a construção de uma vida autêntica e significativa (Hooks, 2017, p. 29). A autora enfatiza que a educação deve permitir que cada indivíduo explore plenamente suas capacidades e potencialidades, e que esse desenvolvimento pessoal seja orientado para ações que contribuam de forma ética e construtiva para a sociedade.

Hooks contrapõe seu modelo holístico ao sistema educacional tradicional, considerado fabril e bancário, no qual o ensino se limita à transmissão de conteúdos e reforço da obediência. Para ela, a verdadeira formação envolve a busca consciente da autoatualização e do propósito de

vida, alinhando crescimento pessoal e compromisso social. Nesse sentido, afirma: “a tarefa dos que escolhem essa vocação é a de buscar holisticamente a autoatualização” (Hooks, 2017, p. 28), destacando que a realização pessoal e o altruísmo podem caminhar juntos sem reforçar os sistemas de dominação existentes.

A experiência de Hooks na escola dessegregada não apenas consolidou sua sensibilidade crítica, mas também orientou sua futura atuação como educadora e teórica feminista. Ela demonstra que a educação pode ser um espaço de resistência e emancipação, no qual se reconhece a singularidade e a voz dos estudantes, promovendo uma pedagogia que integra crescimento intelectual, emocional e ético. Ao transformar experiências de dor e exclusão em aprendizado crítico, Hooks oferece um modelo de educação que valoriza tanto a autorrealização quanto a justiça social, mostrando que o desenvolvimento pessoal e a luta contra opressões são inseparáveis.

A trajetória de Hooks evidencia que enfrentar as barreiras impostas pelo racismo institucional é um passo essencial para construir uma educação libertadora, na qual o conhecimento se entrelaça com a consciência social, o respeito à diversidade e a valorização da individualidade de cada estudante.

A experiência escolar de Hooks acabou minando sua autoestima intelectual, tornando evidente os limites impostos pela segregação e pelo racismo institucional. Em 1970, aos dezoito anos, ela ingressou na Universidade de Stanford, na Califórnia, para estudar Língua Inglesa, mas encontrou novamente um ambiente hostil para pessoas negras, especialmente mulheres. Como Hooks descreve, “Precisamos de mais relatos autobiográficos da primeira geração de estudantes negros que ingressaram em escolas e universidades predominantemente brancas. Imagine como é ter aulas com um professor que não acredita que você é totalmente humano. Imagine como é ter aulas com professores que acreditam pertencer a uma raça superior e sentem que não deveriam ter de se rebaixar dando aulas para estudantes que eles consideram incapazes de aprender. Em geral, sabíamos quais professores brancos nos odiavam e evitávamos suas aulas, a menos que elas fossem absolutamente imprescindíveis. Como a maioria de nós chegou à faculdade na esteira de uma poderosa luta antirracista por direitos civis, sabíamos que encontraríamos aliados nessa luta – e, de fato, encontramos.

Notadamente, o machismo confesso de meus professores era mais duro que seu racismo velado” (Hooks, 2020, p. 24). Essa passagem evidencia como o preconceito racial e de gênero se manifestava de maneira explícita e velada, impactando diretamente o percurso acadêmico de estudantes negros.

No contexto do movimento feminista que ganhava força nos anos 1970, Hooks concluiu sua graduação em 1973 e, três anos depois, em 1976, obteve o mestrado em Inglês pela Universidade de Wisconsin-Madison. Seu percurso acadêmico culminou em 1983, com o doutorado em Literatura pela Universidade da Califórnia, com a tese *Keeping a Hold on Life: Reading Toni Morrison's Fiction*, que consolidou seu interesse pela literatura afro-americana e pela análise crítica de gênero e raça (Costa, 2000; Crenshaw, 1989).

Ao longo de sua carreira como professora universitária, Hooks lecionou em diversas instituições de prestígio, incluindo a Universidade do Sul da Califórnia, Universidade da Califórnia, Yale, Oberlin College e City College de Nova York, entre outras. Em todos esses espaços, ela continuou a observar as desigualdades estruturais e a articulação entre racismo e sexismo, experiências que moldaram sua abordagem pedagógica crítica e seu engajamento com o feminismo negro.

A trajetória acadêmica de Hooks evidencia a necessidade de compreender a educação não apenas como transmissão de conhecimento, mas como espaço de resistência e de valorização da diversidade, onde a experiência e a subjetividade dos estudantes são reconhecidas e respeitadas (Almeida, 2021). Sua vivência pessoal e profissional a posicionou como uma teórica capaz de articular racismo, sexismo e opressão institucional em análises profundas que transformaram a pedagogia crítica contemporânea.

> A experiência de Bell Hooks em universidades segregadas e, posteriormente, predominantemente brancas, evidencia de maneira contundente que a luta por equidade não se restringe à conquista de direitos legais ou políticas afirmativas; ela se manifesta diariamente nas interações, práticas e decisões que compõem o cotidiano escolar. A autora percebeu que o machismo, muitas vezes velado e disfarçado sob normas institucionais, podia ser tão prejudicial quanto o racismo explícito, criando barreiras sutis, porém significativas, para o desenvolvimento e a participação plena de estudantes negros, especialmente mulheres. Nesse contexto, Hooks defendia que a educação deveria ser compreendida como um espaço de resistência, onde o reconhecimento e a valorização das vozes marginalizadas são centrais para a construção de um currículo verdadeiramente inclusivo e transformador. A partir dessa perspectiva, fica claro que o compromisso pedagógico vai além da transmissão de conhecimento: envolve a responsabilidade ética de fomentar um ambiente seguro, acolhedor e libertador, no qual todos os estudantes possam exercer autonomia, refletir criticamente sobre as estruturas sociais e desenvolver plenamente suas capacidades intelectuais, emocionais e éticas. Para Hooks, a atenção aos detalhes do cotidiano escolar — desde a maneira como se organiza a sala de aula até a forma de interação com os alunos — constitui um elemento essencial para desconstruir hierarquias opressivas e promover justiça social de maneira concreta e contínua. Seu compromisso com a pedagogia libertadora, inspirado em Paulo Freire, ganhou reforço nesse contexto universitário. Hooks entendeu que a educação deveria promover não apenas a aquisição de conhecimento acadêmico, mas também a formação ética e política de sujeitos conscientes de seu papel na sociedade. A resistência ao racismo e ao sexismo tornou-se, assim, parte integrante do processo educativo que ela defendia. (Hooks, 2020, p. 24, grifos de Balta Ferreira, Drumond Ischkanian, Nogueira Cabral, Ischkanian, 2025).

Essa experiência moldou seu entendimento de que a educação precisa ser um espaço de empoderamento, onde estudantes, especialmente os historicamente marginalizados, possam desenvolver autonomia, pensamento crítico e autoconfiança (Campos & Araujo, 2022). O reconhecimento das barreiras enfrentadas pelos alunos negros e mulheres inspirou Hooks a propor práticas pedagógicas que desafiam a dominação institucional e incentivam a participação ativa e colaborativa na construção do conhecimento.

O período universitário de Hooks ilustra como o racismo e o sexismo estruturais podem impactar profundamente a trajetória acadêmica de indivíduos negros e mulheres, mas também como essas experiências podem fomentar resistência, consciência crítica e engajamento transformador. A reflexão sobre essas vivências tornou-se central para a formulação de sua pedagogia libertadora e sua crítica à opressão institucional, consolidando-a como referência indispensável para a educação crítica contemporânea.

A trajetória de Bell Hooks nos oferece lições profundas sobre a coragem, a resiliência e o compromisso com a justiça social necessários para superar barreiras de exclusão e discriminação. Esses elementos não são apenas aspectos de sua experiência pessoal, mas constituem fundamentos centrais de toda a sua obra e prática pedagógica, consolidando seu legado na reflexão sobre igualdade, liberdade e emancipação educacional (Hooks, 2020; Crenshaw, 1989; Costa, 2000). Entre as décadas de 1970 e 1980, Hooks observou criticamente as limitações de diferentes movimentos sociais: no movimento negro, majoritariamente liderado por homens, a questão do machismo era muitas vezes ignorada; no movimento feminista, em grande parte composto por mulheres brancas, as questões raciais eram negligenciadas. Essa dupla invisibilização das experiências das mulheres negras também se refletia nas produções acadêmicas da época, gerando um ambiente no qual a voz e a vivência dessas mulheres permaneciam silenciadas.

A indignação frente a essas exclusões tornou-se um motor de sua investigação intelectual e definidora de seus interesses de pesquisa. Em 1981, Hooks publicou seu primeiro livro, *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo*, desenvolvido ainda durante sua graduação, que representa um marco na análise crítica das interseções entre raça, gênero e poder. O título do livro remete à famosa pergunta de Sojourner Truth, abolicionista e oradora do século XIX, que questionava a exclusão das mulheres negras da discussão sobre direitos civis e direito de voto, até então centrada apenas nas mulheres brancas e nos homens negros. Hooks retoma e atualiza essa provocação histórica, colocando em evidência, de forma sistemática e reflexiva, as experiências das mulheres negras durante e após a escravidão, o racismo estrutural presente no feminismo branco e o sexismo dentro da comunidade negra.

Hooks desenvolve uma pedagogia crítica que articula a teoria à prática, mostrando que a educação pode ser um instrumento de resistência e emancipação. Para ela, os currículos escolares e universitários não devem ser neutros, mas precisam refletir e confrontar as estruturas de poder que mantêm desigualdades, dando espaço às vozes historicamente marginalizadas.

O foco na inclusão e na valorização da experiência das mulheres negras permitiu que Hooks formulasse conceitos fundamentais para a compreensão da interseccionalidade e da justiça social na educação, articulando de forma original racismo, sexismo e outras formas de opressão (Davidson & Yancy, 2013).

O trabalho de Hooks também é marcado pelo entendimento de que o desenvolvimento intelectual deve ser acompanhado do cuidado com a dimensão emocional e espiritual do estudante. Ela defende que a educação, ao mesmo tempo que transmite conhecimento, deve cultivar empatia, consciência ética e compromisso com o bem comum, tornando-se uma prática transformadora que se estende para além das fronteiras da sala de aula (Frankl, 2015). Essa abordagem pedagógica, profundamente humanista, estabelece conexões entre o crescimento pessoal do educando e a transformação social, fortalecendo a ideia de que a emancipação não ocorre apenas por mudanças legais ou políticas, mas também por práticas educativas conscientes e engajadas.

O livro *E eu não sou uma mulher?* não apenas evidencia as experiências das mulheres negras, mas também fornece uma base teórica e prática para as gerações seguintes de educadores e pesquisadores interessados em desenvolver pedagogias inclusivas e críticas. Hooks demonstra como o reconhecimento das múltiplas formas de opressão pode ser incorporado ao currículo, incentivando professores e estudantes a questionar os padrões hegemônicos e a criar espaços de aprendizagem mais equitativos e respeitosos (Hooks, 2020, p. 24).

Sua obra revela, ainda, que o engajamento com a educação como prática de liberdade exige coragem para confrontar estruturas de dominação e criatividade para construir alternativas educativas que empoderem indivíduos e comunidades. A pedagogia de Hooks enfatiza que ensinar é, simultaneamente, um ato político e ético, no qual cada decisão do educador pode reforçar ou desconstruir hierarquias históricas. A educação torna-se um espaço de resistência e construção de subjetividades críticas, capazes de transformar não apenas a experiência escolar, mas a sociedade como um todo.

Hooks integra reflexões sobre raça, gênero, espiritualidade e amor em sua proposta pedagógica, mostrando que a educação crítica deve considerar o ser humano em sua totalidade (Campos & Araujo, 2022). Ao defender que o intelecto, a emoção e a consciência ética caminham juntos, Hooks propõe uma pedagogia que valoriza tanto o conteúdo quanto o desenvolvimento integral do estudante, fomentando a autonomia e a responsabilidade social.

O legado de Hooks convida educadores e estudantes a reimaginar o espaço escolar e acadêmico como arenas de justiça social, liberdade e emancipação (Hooks, 2020; Crenshaw, 1989; Costa, 2000). A autora demonstra que, ao valorizar a diversidade de experiências e ao promover o diálogo crítico, é possível criar ambientes de aprendizagem mais humanos, inclusivos e transformadores, capazes de formar indivíduos conscientes e comprometidos com a equidade.

A trajetória de Hooks evidencia que a educação não se limita a transmitir conhecimentos: ela é um instrumento de transformação pessoal e coletiva, um espaço onde a luta por igualdade, respeito e reconhecimento das vozes marginalizadas se torna prática cotidiana, consolidando seu legado como teórica, educadora e ativista comprometida com a emancipação social e pedagógica.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, voltada à análise interpretativa dos discursos acadêmicos sobre Bell Hooks e a educação como prática de liberdade e crítica às estruturas sociais**.** Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de compreender de forma aprofundada significados, sentidos e processos relacionados às práticas pedagógicas contemporâneas, priorizando a interpretação de fenômenos educacionais sobre a simples quantificação de dados.

A pesquisa bibliográfica é essencial para explorar sistematicamente obras e produções científicas consolidadas, permitindo identificar conceitos, teorias e debates centrais que sustentam a reflexão sobre a pedagogia crítica e libertadora de Hooks. Ao reunir e analisar livros, artigos, dissertações e documentos eletrônicos, a investigação possibilita a construção de um referencial teórico sólido e contextualizado, capaz de orientar a compreensão do estado da arte e de identificar lacunas que possam ser exploradas em estudos futuros .

Quanto ao tipo de pesquisa, a bibliográfica se revela adequada para organizar, sistematizar e analisar a produção científica existente sobre o tema, fundamentando-se na exploração de materiais previamente publicados (Richardson, 1999). Esse processo permite compreender a complexidade das ideias de Hooks, relacionando-as às práticas pedagógicas contemporâneas e à crítica às estruturas sociais, raciais e de gênero, e destaca a relevância do conhecimento pré-existente para a construção de análises rigorosas.

A abordagem qualitativa adotada busca interpretar conteúdos de forma reflexiva, considerando o contexto em que as obras foram produzidas e os significados atribuídos pelos autores (Creswell, 2021). No caso específico de Hooks, essa perspectiva possibilita compreender como suas propostas pedagógicas articulam teoria e prática, promovendo a autonomia, a emancipação e a crítica às hierarquias tradicionais presentes nas instituições educacionais.

A análise documental complementa a bibliografia ao permitir o estudo sistemático de registros, entrevistas, documentos institucionais e textos históricos, oferecendo suporte para reconstruir o contexto educacional e social em que Hooks desenvolveu seu pensamento. Esse procedimento fortalece a interpretação crítica, ao relacionar experiências pessoais, trajetórias acadêmicas e impactos das práticas pedagógicas defendidas pela autora.

Ao integrar bibliografia e documentos, a pesquisa permite refletir sobre a educação como prática de liberdade, analisando de que forma a pedagogia crítica proposta por Hooks visa desconstruir estruturas de opressão e promover o engajamento ativo dos estudantes (Severino, 2016; Richardson, 1999). Essa compreensão exige interpretação cuidadosa e análise detalhada das obras, respeitando a complexidade do pensamento da autora.

A metodologia qualitativa bibliográfica e documental possibilita, ainda, identificar como Hooks articula conceitos de justiça social, equidade, empoderamento e interseccionalidade, oferecendo subsídios para práticas educativas que valorizem a diversidade e a participação ativa de todos os sujeitos envolvidos (Creswell, 2021; Vergara, 2014).

O delineamento metodológico adotado garante rigor científico ao estudo, ao mesmo tempo em que reconhece a necessidade de interpretação crítica, central para compreender o legado de Hooks e seu impacto no campo educacional contemporâneo (Gil, 2018; Severino, 2016). A pesquisa busca, portanto, não apenas descrever, mas analisar de forma aprofundada o papel da educação como instrumento de emancipação e transformação social.

Ao combinar abordagem qualitativa, pesquisa bibliográfica e análise documental, o estudo permite reconstruir e interpretar de maneira crítica os fundamentos da pedagogia de Bell Hooks, oferecendo subsídios teóricos e práticos para o debate sobre liberdade, equidade e justiça social na educação contemporânea.

A pesquisa se caracteriza por uma abordagem documental, pois inclui materiais obtidos em bases digitais e científicas, que fornecem dados essenciais para a reflexão sobre o objeto de estudo. Foram selecionadas obras disponíveis em livros, periódicos, jornais e em plataformas acadêmicas como CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia Edu e Google Acadêmico, adotando como critérios a atualidade, a relevância temática e o rigor acadêmico das publicações. Essa estratégia metodológica visa assegurar a consistência teórica e a pertinência dos dados analisados, seguindo as recomendações de Lakatos e Marconi (2010) e Quivy e Campenhoudt (2008).

A presente pesquisa, centrada em Bell Hooks (1952–2021) e na educação como prática de liberdade e crítica às estruturas sociais, relaciona-se de maneira articulada com as referências biográficas e teóricas selecionadas, pois, ao analisar a trajetória pessoal e intelectual de Hooks,

conforme destacado por Almeida (2021) e nas obras de Hooks como *Ensinando a transgredir* (2013, 2017) e *Wounds of Passion* (1997), é possível compreender como experiências de racismo, machismo e segregação racial moldaram sua visão pedagógica libertadora; essa perspectiva se enriquece com a leitura crítica de produções coletivas como *The Black Woman: An Anthology* (Bambara, 1970) e *Double Jeopardy* (Beale, 1970), que evidenciam a intersecção de raça, gênero e classe, bem como com análises contemporâneas sobre docência afetiva e compromisso ético na educação.

Como Campos e Araujo (2022) demonstram; ainda, a compreensão do contexto histórico do racismo institucional, exemplificado pelas leis de Jim Crow (Cashmore, 2000), e dos desafios acadêmicos enfrentados por estudantes negros em universidades majoritariamente brancas (Costa, 2000; Crenshaw, 1989) reforça a relevância da pedagogia crítica de Hooks.

A fundamentação metodológica da pesquisa é sustentada por autores de metodologia científica e de pesquisa social, como Creswell (2021), Gil (2008, 2018), Lakatos e Marconi (2010, 2017), Quivy e Campenhoudt (2008), Richardson (1999), Severino (2016) e Vergara (2014), garantindo rigor e consistência na análise de obras, artigos e documentos.

A articulação com estudos sobre pensamento crítico, feminismo negro e educação emancipatória, como as contribuições de Davidson e Yancy (2013), Frankl (2015) e Hooks (2000, 2003, 2010, 2019, 2020), permite que a pesquisa se insira de forma coerente no debate acadêmico contemporâneo, conectando a trajetória de Hooks, suas ideias pedagógicas e a aplicação de uma educação que promove autonomia, justiça social e transformação cultural.

O processo de coleta de dados iniciou-se com a identificação das palavras-chave mais recorrentes na literatura relacionada a Bell Hooks e à pedagogia crítica, permitindo mapear um conjunto diversificado de artigos que abordam o tema sob diferentes perspectivas. Essa etapa foi fundamental para garantir um olhar plural e crítico, capaz de contemplar múltiplos recortes e abordagens da educação como prática de liberdade. Em seguida, procedeu-se à leitura exploratória de títulos e resumos, com o objetivo de filtrar os textos mais aderentes aos objetivos da pesquisa, considerando critérios de relevância, qualidade e diversidade de enfoques.

Após essa triagem inicial, os artigos e materiais selecionados foram submetidos a uma leitura analítica aprofundada, buscando identificar padrões, divergências e contribuições singulares na literatura sobre a obra de Hooks. A análise se apoiou na categorização temática e no cruzamento dos achados, visando construir uma narrativa integrada que evidenciasse os principais conceitos, tensões e aportes da pesquisa acadêmica sobre educação libertadora e crítica às estruturas sociais.

De acordo com Sousa, Oliveira e Alves (2021), a sistematização criteriosa das informações e a verificação da consistência dos dados são etapas essenciais para evitar interpretações equivocadas e garantir a confiabilidade dos resultados. Essa perspectiva reforça a importância de uma abordagem metodológica rigorosa, na qual a leitura crítica e a análise comparativa se tornam instrumentos centrais para compreender a pedagogia de Bell Hooks em sua complexidade teórica e prática.

O caráter documental da pesquisa também permitiu contextualizar historicamente a trajetória de Hooks, relacionando suas experiências pessoais e acadêmicas às transformações sociais e educacionais ocorridas nos Estados Unidos durante os períodos de segregação e de luta pelos direitos civis. Esse contexto histórico é fundamental para compreender como suas ideias sobre educação, liberdade e emancipação se estruturaram em resposta às desigualdades raciais, de gênero e de classe, reforçando o valor da análise documental para estudos de educação crítica.

A combinação de fontes variadas possibilitou um olhar multidimensional sobre a obra de Hooks, considerando desde sua produção acadêmica até suas contribuições em debates sobre feminismo negro, pedagogia crítica e justiça social. Esse enfoque fortalece a compreensão da educação como prática de liberdade, destacando o papel do professor como mediador que valoriza a participação ativa dos estudantes e promove o desenvolvimento integral dos sujeitos, conforme defendido por Hooks em suas obras.

A análise interpretativa dos dados bibliográficos e documentais permitiu identificar elementos centrais na pedagogia de Hooks, como a crítica às estruturas opressivas, a valorização da voz das minorias e a articulação entre teoria e prática educacional. O cruzamento das informações possibilitou a construção de categorias analíticas que orientam a compreensão do impacto social e educativo de suas propostas, articulando conceitos de autonomia, equidade e emancipação no contexto escolar.

A metodologia adotada evidencia a importância de um percurso de pesquisa sistemático e crítico, que respeite a diversidade das fontes e a complexidade do objeto de estudo. Ao integrar análise documental, leitura exploratória e categorização temática, a pesquisa proporciona uma interpretação robusta e aprofundada da pedagogia de Bell Hooks, consolidando sua relevância para debates contemporâneos sobre educação, liberdade e justiça social.

A pesquisa sobre Bell Hooks e sua concepção de educação como prática de liberdade e crítica às estruturas sociais adotou procedimentos de análise qualitativa, baseados na comparação e no cruzamento das produções localizadas. Para tanto, foram definidas categorias analíticas a partir dos objetivos específicos da investigação, conforme orientações de Gil (2008) em Métodos e

técnicas de pesquisa social e de Lakatos e Marconi (2017) em Fundamentos de metodologia científica**.**

Esse processo permitiu identificar recorrências, convergências e contrastes entre as experiências e reflexões descritas nos textos analisados, destacando aspectos pedagógicos, epistemológicos e estruturais subjacentes às propostas de Hooks. A análise bibliográfica, nesse contexto, não se restringiu à mera reprodução das ideias presentes nas obras, mas envolveu uma leitura crítica e dialógica, capaz de articular os conceitos de liberdade, emancipação e justiça social à prática educativa contemporânea.

Ao mapear os textos selecionados, observou-se que a obra de Hooks apresenta um enfoque singular sobre o papel do professor, da voz estudantil e da construção coletiva do conhecimento. Esse olhar crítico se conecta à perspectiva metodológica adotada, que valoriza a interpretação dos significados, a identificação de tensões e a articulação das contribuições teóricas em torno de um eixo central: a educação como prática de liberdade capaz de desafiar estruturas sociais opressivas.

A categorização temática e a análise comparativa possibilitaram ainda reconhecer padrões recorrentes nas obras de Hooks, como a valorização da experiência das mulheres negras, a crítica ao racismo institucional e ao machismo velado no ambiente educacional, bem como a ênfase no desenvolvimento integral dos sujeitos como fundamento de uma pedagogia transformadora.

Essa abordagem metodológica evidencia que a leitura crítica e sistematizada das fontes é capaz de revelar não apenas os conteúdos explícitos das obras, mas também os sentidos implícitos, as tensões conceituais e as estratégias pedagógicas que sustentam a prática libertadora defendida por Hooks. Assim, a metodologia bibliográfica e documental assume um papel central na compreensão da complexidade de sua produção intelectual.

O cruzamento das análises também permitiu perceber a articulação entre teoria e prática, revelando como Hooks relaciona suas vivências pessoais, experiências acadêmicas e engajamento político à construção de uma pedagogia crítica que valoriza a equidade, a autonomia e a participação ativa dos estudantes. Essa perspectiva reforça a necessidade de considerar a educação não apenas como transmissão de conteúdo, mas como instrumento de transformação social.

A metodologia adotada promoveu a identificação de lacunas e oportunidades para aprofundamento da pesquisa, permitindo que a análise não se limite à descrição das ideias de Hooks, mas também dialogue com debates contemporâneos sobre pedagogia crítica, feminismo negro e justiça educacional.

A escolha por um enfoque bibliográfico e documental, apoiado em metodologias propostas por Gil (2008) e Lakatos e Marconi (2017), se mostrou adequada para examinar a complexidade da obra de Bell Hooks. A análise detalhada e sistematizada dos textos oferece subsídios para compreender como suas reflexões sobre liberdade, poder e emancipação podem orientar práticas pedagógicas comprometidas com a equidade social.

Bell Hooks (1952–2021) permanece como referência essencial para pensar a educação como espaço de resistência, emancipação e construção coletiva do conhecimento, destacando a importância de metodologias de pesquisa que permitam interpretar criticamente os significados e os impactos de suas contribuições no campo educacional contemporâneo.

Almeida, Mariléa de (2021) – A análise biográfica de Bell Hooks, conforme destacada por Almeida, evidencia como sua trajetória de vida e experiências pessoais influenciaram profundamente sua concepção de educação libertadora e crítica às hierarquias sociais.

Bambara, Toni Cade (1970) – A coletânea organizada por Bambara contextualiza a experiência das mulheres negras e oferece um referencial histórico e cultural que fundamenta a compreensão do impacto do racismo e do sexismo nas trajetórias educacionais de Hooks.

Beale, Frances (1970) – Beale revela a interseccionalidade entre raça e gênero ao descrever a dupla opressão enfrentada por mulheres negras, tema central na pedagogia crítica de Hooks.

Campos, Marcelly & Araujo, Débora Cristina (2022) – A perspectiva da docência amorosa apresentada por Campos e Araujo reforça a dimensão ética e afetiva da prática educativa que Hooks defende, mostrando como o cuidado e o compromisso social podem transformar a sala de aula.

Cashmore, Ellis (2000) – O estudo de Cashmore sobre as leis de segregação “Jim Crow” fornece o contexto histórico das barreiras raciais que Hooks enfrentou na escola e que moldaram sua crítica à exclusão e à injustiça social na educação.

Costa, Jurandir Freire (2000) – A entrevista com Costa evidencia os desafios enfrentados por educadores em contextos sociais complexos, permitindo compreender a resiliência necessária para que Hooks desenvolvesse sua pedagogia crítica.

Crenshaw, Kimberlé W. (1989 [1981]) – A formulação da interseccionalidade por Crenshaw ilumina as bases teóricas da análise de Hooks sobre como raça, gênero e classe se entrelaçam nas experiências educativas e na sociedade.

Creswell, John W. (2021) – Creswell fornece a fundamentação metodológica necessária para a pesquisa qualitativa, permitindo que a análise do pensamento e da obra de Hooks seja conduzida de maneira estruturada e rigorosa.

Davidson, Maria del Guadalupe & Yancy, George (2013) – O trabalho de Davidson e Yancy amplia a compreensão crítica sobre Hooks, enfatizando a importância de sua obra no debate contemporâneo sobre educação, raça e feminismo negro.

Frankl, Viktor (2015) – A perspectiva de Frankl sobre sentido e realização pessoal ressoa com a proposta de Hooks de uma educação que valoriza o desenvolvimento integral do indivíduo, integrando mente, corpo e espírito.

Freire, Paulo (2020) – A pedagogia libertadora de Freire dialoga diretamente com Hooks, pois ambas defendem a educação como prática de liberdade e transformação social, tornando o aprendizado uma experiência emancipatória.

Gil, Antonio Carlos (2008; 2018) – As obras de Gil oferecem ferramentas metodológicas para planejar e conduzir a pesquisa sobre Hooks, permitindo articular análise de conteúdo e rigor acadêmico na interpretação da literatura.

Hooks, bell (1994; 1997; 2000; 2003; 2010; 2013; 2017; 2018; 2019; 2020) – A própria obra de Hooks é central para compreender como a educação pode ser usada como prática de liberdade, criticando estruturas opressivas e promovendo justiça social, pensamento crítico e emancipação dos sujeitos.

Lakatos, Eva Maria & Marconi, Marina de Andrade (2010; 2017) – Os autores oferecem diretrizes para organização e análise científica de dados bibliográficos, garantindo consistência e rigor na interpretação das obras de Hooks.

Perpich, Diane (2010) – Perpich conecta o feminismo negro e o pós-estruturalismo, oferecendo instrumentos para compreender a complexidade das experiências de mulheres negras como Hooks dentro da educação e da produção de conhecimento.

Quivy, Raymond & Van Campenhoudt, Luc (2008) – O manual de Quivy e Campenhoudt fundamenta a pesquisa documental e bibliográfica, orientando o levantamento e a categorização das obras analisadas sobre Hooks.

Richardson, Roberto Jarry (1999) – A obra de Richardson fornece suporte metodológico para análise crítica e sistemática de produções acadêmicas, aplicável ao estudo das ideias pedagógicas de Hooks.

Severino, Antônio Joaquim (2016) – Severino contribui para o embasamento teórico-metodológico, destacando a importância da metodologia científica na organização do estudo e na interpretação das obras de Hooks.

Vergara, Sylvia Constant (2014) – Vergara reforça a necessidade de projetos e relatórios de pesquisa bem estruturados, assegurando que a investigação sobre Hooks seja clara, coerente e academicamente sólida.

A análise das contribuições de Bell Hooks e dos autores referenciados evidencia que a educação, quando compreendida como prática de liberdade e crítica às estruturas sociais, possui um potencial transformador profundo, capaz de promover justiça, equidade e emancipação individual e coletiva.

As obras de Hooks, aliadas às reflexões de Freire sobre a educação libertadora, aos estudos de Crenshaw sobre interseccionalidade e à base metodológica de autores como Lakatos, Marconi, Gil e Creswell, demonstram que a sala de aula pode ser um espaço de resistência, criatividade e valorização da diversidade. Ao integrar pensamento crítico, cuidado afetivo e atenção às experiências historicamente marginalizadas, a pedagogia proposta por Hooks se consolida como um modelo inspirador para educadores e pesquisadores, incentivando práticas educativas que fortalecem a autonomia, a consciência social e o engajamento ético de todos os participantes, reafirmando a relevância de repensar constantemente os processos educativos em busca de sociedades mais justas e inclusivas.

2.2. E EU NÃO SOU UMA MULHER?

O livro *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo* (Hooks, 2019) representa um marco fundamental na literatura feminista e nos estudos sobre raça e gênero, pois vai além da narrativa autobiográfica para propor uma reflexão profunda sobre as múltiplas formas de opressão enfrentadas pelas mulheres negras. A obra evidencia como o racismo, o sexismo e a marginalização econômica se entrelaçam, moldando experiências de vida que frequentemente permanecem invisíveis nos discursos dominantes. Hooks, a partir de sua vivência pessoal e intelectual, demonstra que compreender essas interseções é essencial para a construção de pedagogias inclusivas, capazes de valorizar a diversidade e de reconhecer as desigualdades estruturais que atravessam a educação e a sociedade.

A autora argumenta que as mulheres negras, historicamente, têm sido silenciadas tanto pelos movimentos feministas tradicionais, dominados por mulheres brancas, quanto pelos movimentos antirracistas, dominados por homens negros, configurando uma “dupla negação” que exige atenção crítica e reflexão ética por parte dos educadores (Hooks, 2019c). Essa perspectiva destaca a necessidade de uma abordagem pedagógica que não apenas inclua conteúdos sobre raça e gênero, mas que também incentive os estudantes a questionar hierarquias sociais e padrões culturais estabelecidos. Ao trazer à tona essas questões, Hooks oferece uma base teórica sólida para que professores e pesquisadores incorporem a análise das opressões múltiplas na prática educativa.

O impacto da obra se estende à formação docente, propondo que educadores assumam um papel ativo na transformação da experiência escolar, promovendo espaços onde as vozes historicamente marginalizadas possam ser ouvidas e valorizadas. Hooks (2017) enfatiza que a educação como prática de liberdade requer compromisso com a emancipação intelectual e social dos estudantes, e que a construção de currículos e metodologias críticas é essencial para este objetivo. *E eu não sou uma mulher?* Serve como referência para pensar a sala de aula como um ambiente de diálogo, reflexão e resistência, no qual professores e alunos se tornam agentes de mudança.

Hooks propõe uma reflexão sobre o amor e o cuidado como componentes centrais da educação, abordando-os em obras como *All About Love: New Visions* (Hooks, 2000). O amor, segundo Hooks, não se limita a sentimentos afetivos, mas se traduz em ações de cuidado, compromisso e responsabilidade para com o outro, elementos indispensáveis para a criação de ambientes educativos que promovam equidade e justiça social. Essa concepção amplia a ideia de aprendizagem, conectando-a ao desenvolvimento integral dos estudantes e à construção de relações mais humanas e solidárias.

A obra também evidencia a importância da reflexão crítica sobre os padrões sociais e culturais que moldam a identidade das mulheres negras. Ao questionar concepções tradicionais de mulheridade e feminilidade, Hooks (2019c) desafia os estereótipos que limitam o potencial de ação das mulheres negras, oferecendo uma ferramenta para que professores e estudantes compreendam as dinâmicas de poder que atravessam o cotidiano escolar. Esse exercício de análise crítica torna-se central para a formação de indivíduos capazes de transformar não apenas sua própria realidade, mas também a coletividade em que estão inseridos.

O livro *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo* de Bell Hooks oferece uma análise profunda das experiências das mulheres negras nos Estados Unidos, evidenciando como opressões múltiplas – raciais, de gênero e de classe – se entrelaçam para marginalizar vozes historicamente silenciadas. Ao relatar essas vivências, Hooks não apenas ilumina as barreiras enfrentadas pelas mulheres negras, mas também fornece uma base teórica e prática para educadores e pesquisadores interessados em pedagogias críticas e inclusivas. A obra demonstra que a educação não é um espaço neutro; ela reflete e reproduz relações de poder e, portanto, deve ser cuidadosamente estruturada para desafiar padrões hegemônicos e promover a justiça social. Nesse sentido, Hooks enfatiza que a inclusão de narrativas e experiências subalternizadas no currículo escolar é essencial para criar um ambiente de aprendizado onde todos os estudantes possam se sentir reconhecidos e valorizados (Hooks, 2020, p. 24).

> Hooks evidencia que o ensino não deve se restringir à transmissão de conteúdos, mas deve engajar os alunos na construção ativa do conhecimento, estimulando o pensamento crítico e a capacidade de questionar estruturas de dominação. Esse enfoque demonstra como a educação pode ser uma prática de liberdade e emancipação, permitindo que os estudantes desenvolvam autonomia intelectual e consciência social. A autora demonstra como o reconhecimento das múltiplas formas de opressão pode ser incorporado ao currículo, incentivando professores e estudantes a questionar os padrões hegemônicos e a criar espaços de aprendizagem mais equitativos e respeitosos (Hooks, 2020, p. 24).

No plano metodológico, Hooks privilegia a escuta ativa e o diálogo como instrumentos centrais para a construção do conhecimento, aproximando suas propostas da pedagogia crítica de Paulo Freire (Freire, 2020), que também vê o aprendizado como um processo de engajamento ativo e reflexivo. Para Hooks, a educação não deve se restringir à transmissão de informações; ao contrário, deve encorajar os estudantes a questionar estruturas de dominação, refletir criticamente sobre sua realidade e desenvolver autonomia intelectual. Essa abordagem transforma a sala de aula em um espaço de resistência e emancipação, onde o professor atua como facilitador da aprendizagem e os alunos tornam-se coautores do processo educativo, participando ativamente da produção do saber e da desconstrução de paradigmas opressores. Assim, *E eu não sou uma mulher?* inspira práticas pedagógicas que valorizam a experiência subjetiva e a reflexão crítica como caminhos para o fortalecimento da consciência social.

Hooks também enfatiza a necessidade de incorporar a interseccionalidade – a compreensão de que raça, gênero e classe se entrelaçam para moldar experiências sociais – na construção de currículos e estratégias pedagógicas (Hooks, 2020, p. 24; Crenshaw, 1989). Essa perspectiva permite que professores e alunos identifiquem como diferentes formas de opressão se manifestam em contextos educativos e sociais, fomentando uma educação mais sensível à diversidade e às desigualdades históricas. Ao analisar o currículo escolar à luz dessas múltiplas opressões, Hooks mostra que a pedagogia crítica não se limita a ensinar conteúdos acadêmicos, mas atua na formação de sujeitos capazes de perceber, questionar e transformar o mundo ao seu redor, cultivando empatia, responsabilidade social e engajamento político.

O livro de Hooks sugere que o desenvolvimento de práticas educativas inclusivas passa pelo reconhecimento e valorização das vozes marginalizadas. Isso significa construir ambientes de aprendizagem nos quais estudantes historicamente silenciados – como meninas negras e outros grupos sub-representados – possam expressar suas perspectivas e serem ouvidos com atenção e respeito (Campos & Araujo, 2022; Hooks, 2000).A obra reforça que a promoção da equidade e da liberdade na educação exige que os educadores assumam um compromisso ético com o cuidado, o amor e a justiça social, aproximando-se de uma pedagogia transformadora capaz de gerar mudanças significativas não apenas na vida dos estudantes, mas também na comunidade educativa como um todo.

E eu não sou uma mulher? estabelece uma ligação direta entre reflexão teórica e prática pedagógica, mostrando que a luta contra opressões estruturais deve estar presente em todos os níveis da educação.

A obra de Hooks inspira educadores a repensar métodos de ensino, a questionar hierarquias tradicionais e a construir espaços de aprendizado colaborativos e críticos, reafirmando a educação como uma prática de liberdade e emancipação (Hooks, 2017; Freire, 2020; Almeida, 2021). A contribuição de Hooks se torna essencial para aqueles que buscam uma pedagogia inclusiva, crítica e ética, na qual o conhecimento é simultaneamente instrumento de empoderamento, consciência social e transformação de realidades historicamente desiguais.

Hooks também explora o conceito de interseccionalidade, antes mesmo do termo ser amplamente utilizado, analisando como raça, gênero e classe se entrelaçam para moldar a experiência das mulheres negras (Beale, 1970; Bambara, 1970). Essa análise mostra que a opressão não pode ser compreendida isoladamente, e que qualquer tentativa de educação crítica precisa considerar a complexidade das desigualdades sociais. Para educadores, esse entendimento reforça a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade, promovendo a inclusão de múltiplas vozes no processo educativo.

A obra também é um convite à ação transformadora, sugerindo que os educadores não se limitem a compreender as desigualdades, mas que atuem para superá-las dentro e fora da sala de aula (Campos & Araujo, 2022). Hooks propõe uma educação que combina rigor intelectual e cuidado afetivo, incentivando professores e estudantes a construir juntos um ambiente de aprendizagem ético, participativo e comprometido com a justiça social. Nesse sentido, *E eu não sou uma mulher?* se torna uma referência prática e teórica para a implementação de pedagogias inclusivas e libertadoras.

A importância do livro reside não apenas em seu caráter acadêmico, mas também em seu valor simbólico e inspirador para gerações futuras. Ao relatar sua própria trajetória e problematizar questões centrais sobre raça, gênero e poder, Hooks oferece aos educadores uma base sólida para repensar a educação como prática de liberdade e crítica social, mostrando que é possível transformar a experiência escolar em um espaço de resistência, empoderamento e emancipação (Hooks, 2017; Hooks, 2000; Hooks, 2019c). A obra se consolida como um marco indispensável para quem deseja compreender e aplicar pedagogias críticas e inclusivas na contemporaneidade, pois oferece fundamentos teóricos sólidos aliados a reflexões práticas que orientam a ação educativa.

Hooks evidencia como as desigualdades estruturais se manifestam na escola e na sociedade, mostrando a necessidade de criar espaços de aprendizagem que valorizem a diversidade

e promovam a equidade, a obra inspira educadores a repensar suas práticas, incorporando o diálogo, a escuta ativa e o engajamento crítico como elementos centrais do processo pedagógico.

O livro demonstra que a educação não deve ser entendida apenas como transmissão de conhecimento, mas como um instrumento de emancipação intelectual, social e emocional. Também reforça a importância de integrar a experiência subjetiva dos estudantes ao currículo, incentivando a reflexão sobre múltiplas formas de opressão e sobre o papel de cada indivíduo na construção de uma sociedade mais justa. *E eu não sou uma mulher?* se apresenta como uma referência imprescindível para pesquisadores, professores e estudantes comprometidos com a transformação social por meio da educação..

2.3. BELL HOOKS: EMERGÊNCIA DO FEMINISMO NEGRO

As motivações que levaram Bell Hooks a escrever *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo* estão profundamente enraizadas no contexto de emergência do feminismo negro nas décadas de 1970 e 1980, tanto nos Estados Unidos quanto na América Latina (Almeida, 2021). A luta política envolvia não apenas os movimentos sociais, mas também a disputa pelos espaços editoriais e acadêmicos, nos quais a experiência das mulheres negras era frequentemente marginalizada ou ignorada. Hooks buscava, por meio de sua escrita, dar visibilidade às vozes e experiências historicamente silenciadas, oferecendo um contraponto crítico aos discursos dominantes sobre gênero e raça.

Na década de 1960, o mercado editorial norte-americano começou a explorar o tema da mulher negra, sobretudo em relação ao período da escravidão, mas muitas dessas produções eram escritas por autores brancos e reforçavam estereótipos de força inabalável da mulher negra. Para Hooks, essa visão romantizada da resiliência feminina negra era insuficiente, pois ignorava o sofrimento real e as consequências estruturais da opressão. Ela afirma que “ser forte diante da opressão não é o mesmo que superá-la” (Hooks, 2019), mostrando que a resistência individual não resolve as desigualdades sistêmicas, e que é necessário produzir novas narrativas que reflitam a realidade concreta das mulheres negras.

O livro evidencia a necessidade de reconstruir o entendimento histórico e social da mulher negra, recuperando tradições intelectuais de análise crítica desenvolvidas por figuras como Sojourner Truth, Mary Church Terrel, Ana Julia Cooper e Amanda Berry Smith. Hooks demonstra que essas mulheres, atuando em diferentes contextos, já questionavam as estruturas de poder e apontavam a centralidade da educação e da consciência crítica para a emancipação (Bambara, 1970; Beale, 1970, p. 109-122). Ao revisitar essas referências, Hooks conecta passado e presente,

mostrando que a luta das mulheres negras não é apenas histórica, mas uma prática contínua de resistência e produção de conhecimento.

No plano metodológico, Hooks propõe abordagens que valorizam a escuta ativa, o diálogo e a construção compartilhada do conhecimento, alinhando-se à pedagogia crítica de Paulo Freire, que entende a educação como prática de liberdade e emancipação (Freire, 2020; Hooks, 2017). A obra demonstra que o ensino não deve se restringir à transmissão de conteúdos, mas engajar os estudantes na reflexão crítica sobre seu papel na sociedade e na capacidade de questionar normas opressivas. Essa perspectiva pedagógica promove autonomia intelectual, consciência social e a valorização das experiências individuais, estabelecendo uma educação mais justa e transformadora.

E eu não sou uma mulher? reforça a necessidade de incorporar a análise das múltiplas formas de opressão — racial, de gênero e de classe — no currículo escolar e acadêmico. Hooks mostra que a educação pode ser um espaço de resistência, onde professores e estudantes são incentivados a criar ambientes de aprendizado equitativos e respeitosos, questionando padrões hegemônicos e fortalecendo a construção de sujeitos críticos e engajados (Hooks, 2020, p. 24; Campos & Araujo, 2022). Assim, o livro se torna um guia para práticas educativas inclusivas e conscientes.

Hooks também evidencia que a exclusão das mulheres negras não se limita à vida social, mas se manifesta no campo acadêmico e profissional, onde estruturas racistas e machistas persistem (Crenshaw, 1989; Costa, 2000). Ela critica tanto o movimento feminista branco, que frequentemente negligenciava o racismo, quanto o movimento negro liderado por homens, que muitas vezes ignorava o machismo, mostrando que as mulheres negras sofrem uma opressão dupla. A obra é, portanto, fundamental para compreender a intersecção entre raça e gênero e para desenvolver estratégias de enfrentamento dessas desigualdades.

O livro também inspira práticas pedagógicas transformadoras ao demonstrar que a educação deve ser compreendida como uma ferramenta de emancipação (Almeida, 2021; Hooks, 2017). Ao recuperar narrativas de resistência e analisar criticamente as experiências das mulheres negras, Hooks oferece uma base teórica e prática para que educadores e pesquisadores construam metodologias de ensino que promovam a inclusão, a equidade e a valorização da diversidade cultural e social.

A obra contribui para a reflexão sobre políticas públicas, cultura e práticas sociais, evidenciando que o combate às desigualdades estruturais exige uma atuação integrada e consciente em múltiplos níveis (Hooks, 2019c; Frankl, 2015). O livro oferece subsídios para pensar a interseção entre teoria, prática educacional e ativismo social, reforçando que a

transformação da sociedade passa pelo reconhecimento das vozes historicamente silenciadas e pelo engajamento na construção de espaços de igualdade.

E eu não sou uma mulher? consolida-se como um marco teórico e prático indispensável para quem deseja compreender e aplicar pedagogias críticas e inclusivas, mostrando que a educação pode ser um instrumento de liberdade e emancipação (Hooks, 2020; Almeida, 2021; Campos & Araujo, 2022). A obra de Hooks permanece atual e inspiradora, oferecendo caminhos para que educadores, pesquisadores e estudantes construam práticas educativas capazes de transformar não apenas o conhecimento, mas também a consciência social, promovendo justiça, equidade e valorização das experiências de mulheres negras em diferentes contextos.

A escrita e a publicação em diferentes formatos constituíam uma estratégia essencial de luta e resistência. Na década de 1970, destacou-se a antologia organizada por Toni Cade Bambara, reunindo ensaios e poemas de autoras como Audre Lorde, Alice Walker, Frances Beale e Carole Brown, entre outras. Nesse contexto, merece atenção a publicação do livro *Black Macho and the Myth of the Superwoman*, de Michele Wallace, em 1978. Paralelamente, surgia o Coletivo Combahee River, uma organização feminista negra e lésbica ativa em Boston entre 1974 e 1980, que reconhecia o feminismo negro como um movimento político essencial para enfrentar as múltiplas e simultâneas formas de opressão vivenciadas pelas mulheres negras.

No Brasil, diversas mulheres se destacaram pela luta racial e pelos direitos das populações negras. Entre elas, podemos citar:

Carolina Maria de Jesus – escritora e ativista social, denunciou a pobreza e a marginalização das favelas em obras como Quarto de Despejo.

Lélia Gonzalez – antropóloga e feminista, destacou-se na articulação do movimento negro e na reflexão sobre gênero e raça.

Maria Firmina dos Reis – escritora do século XIX, pioneira na literatura abolicionista e na denúncia da escravidão.

Djamila Ribeiro – filósofa, escritora e ativista contemporânea, referência no debate sobre feminismo negro e políticas de igualdade racial.

Eliane Lobato – socióloga e ativista, atuou na promoção da educação inclusiva e na valorização da cultura afro-brasileira.

Mãe Stella de Oxóssi – líder religiosa do Candomblé, que também atuou na preservação da cultura afro-brasileira e na resistência cultural negra.

Suely Oliveira – educadora e pesquisadora, focada em políticas públicas para populações negras e inclusão social.

Conceição Evaristo – escritora e poeta, conhecida por abordar a experiência da mulher negra nas periferias brasileiras e a memória da escravidão.

Benedita da Silva – política e ativista, primeira senadora negra do Brasil, com atuação histórica em políticas sociais e de igualdade racial.

Marielle Franco – socióloga, vereadora e defensora dos direitos humanos, teve grande impacto na luta contra a violência policial e a favor da população negra e LGBTQIA+.

Carolina de Jesus – jornalista e poeta, além de escritora, destacou-se por sua atuação social em favelas de São Paulo.

Sueli Carneiro – filósofa, ativista e fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra, referência em estudos sobre racismo e feminismo negro.

No cenário internacional, a partir da década de 1980, houve um aumento significativo nas publicações sobre feminismo negro. Entre os trabalhos mais influentes estão: Barbara Christian com *Black Women Novelists* (1980); Angela Davis, autora de *Women, Race & Class* (1981); Paula Giddings, com *When and Where I Enter: The Impact of Black Women on Sex and Race in America* (1984); Alice Walker, em *In Search of Our Mothers' Gardens: Womanist Prose* (1983); Barbara Smith, organizadora de *Home Girls: A Black Feminist Anthology* (1983); Audre Lorde, com *Sister Outsider: Essays and Speeches* (1984); e Guy-Sheftall Beverly, editora de *Words in the Fire: An Anthology of African-American Feminist Thought* (1992).

Embora a lista de publicações destacada neste artigo não inclua todos os autores da época, essa seleção já permite compreender o rico contexto histórico e intelectual em que Bell Hooks desenvolveu seu pensamento e sua escrita, estabelecendo diálogos profundos com a tradição do feminismo negro internacional. Essas obras refletem lutas, experiências e perspectivas que ampliaram a compreensão sobre raça, gênero e classe, fornecendo fundamentos teóricos e políticos que continuam a inspirar movimentos sociais e acadêmicos até hoje.

É importante destacar que, entre os livros mencionados, apenas dois foram traduzidos e publicados no Brasil: *Mulheres, raça e classe*, de Angela Davis (2016), e *Irmã outsider: ensaios e conferências*, de Audre Lorde (2019). Essa limitação de traduções evidencia, de certa forma, o desafio da circulação de produções fundamentais do feminismo negro no contexto brasileiro, reforçando a necessidade de ampliar o acesso a esses textos para estudantes, pesquisadoras e ativistas.

Apesar disso, o impacto dessas obras vai muito além das fronteiras nacionais. Tanto Davis quanto Lorde oferecem análises profundas sobre as interseções entre raça, gênero e classe, discutindo questões como opressão estrutural, violência simbólica e estratégias de resistência que ressoam em diferentes contextos culturais. Seus escritos não apenas documentam experiências

históricas, mas também fornecem ferramentas teóricas para compreender desigualdades persistentes e propor transformações sociais.

A circulação desses livros contribui para fortalecer o pensamento crítico e a consciência social, mostrando que as lutas das mulheres negras não são isoladas, mas inseridas em processos globais de resistência. As reflexões apresentadas por essas autoras inspiram debates acadêmicos, movimentos sociais e políticas públicas, conectando experiências locais a tendências internacionais de luta por direitos e igualdade.

A publicação desses textos no Brasil representa uma oportunidade de diálogo com produções nacionais, como as de Bell Hooks, Lélia Gonzalez e Suely Oliveira, permitindo que se estabeleçam pontes entre teorias feministas negras globais e a realidade brasileira. Essa interlocução enriquece a compreensão das especificidades culturais e históricas das mulheres negras no país, ao mesmo tempo em que amplia a perspectiva comparativa e global sobre desigualdade e resistência.

O alcance desses livros também se manifesta no engajamento de diferentes públicos. Leituras de Davis e Lorde podem inspirar estudantes a desenvolver pesquisas mais conscientes, ativistas a estruturar estratégias de mobilização mais inclusivas e educadores a implementar metodologias pedagógicas que valorizem a diversidade e a experiência de vida de cada indivíduo. Dessa forma, essas obras funcionam como catalisadores de mudanças sociais concretas, indo muito além da esfera acadêmica.

Essas publicações ajudam a visibilizar as contribuições intelectuais das mulheres negras para a teoria feminista, contrapondo a histórica invisibilização e marginalização dessas vozes. Ao trazerem narrativas, análises e reflexões que priorizam experiências silenciadas, Davis e Lorde contribuem para expandir o cânone feminista e questionar a centralidade de perspectivas eurocêntricas ou de mulheres brancas de classe média.

Em termos pedagógicos, os textos traduzidos fornecem subsídios para a construção de currículos mais inclusivos e diversificados, que incorporem debates sobre racismo, sexismo e interseccionalidade. Professores podem usar esses livros como referência para estimular discussões críticas, incentivar a leitura reflexiva e promover o protagonismo estudantil, alinhando-se à proposta de uma educação libertadora inspirada em Bell Hooks e Paulo Freire.

O efeito dessas publicações, portanto, vai além da literatura; ele impacta diretamente a formação de consciências críticas e comprometidas com a justiça social. Elas demonstram que a teoria e a prática feminista negra estão intimamente ligadas, funcionando como instrumentos para repensar estruturas de poder e construir alternativas mais igualitárias e inclusivas.

Mesmo com o número limitado de traduções, *Mulheres, raça e classe* e *Irmã outsider* reforçam que o pensamento crítico e a resistência promovidos por essas autoras possuem relevância global. Seus escritos continuam a inspirar debates, pesquisas e ações voltadas para a promoção da igualdade e do empoderamento de mulheres negras, consolidando um legado de transformação social que ultrapassa fronteiras geográficas e temporais.

2.4. HOOKS INSPIRA-SE EM PAULO FREIRE: EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Bell Hooks encontra na obra de Paulo Freire uma fonte fundamental de inspiração para sua abordagem pedagógica, especialmente no que se refere à ideia de que a educação deve ser um espaço de libertação e construção coletiva do conhecimento. Para Hooks, assim como para Freire, a sala de aula não deve se limitar à simples transmissão de conteúdos; ao contrário, deve ser entendida como um ambiente onde professores e alunos participam ativamente da produção do saber, trocando experiências e questionamentos de maneira horizontal, sem hierarquias rígidas que reproduzam estruturas opressoras.

Ensinar, nessa perspectiva, é muito mais do que informar: é colaborar na formação de sujeitos críticos, capazes de analisar e intervir no mundo em que vivem. A pedagogia proposta por Hooks coloca ênfase na relação dialógica entre educador e educando, na qual ambos aprendem simultaneamente, desconstruindo a ideia de que apenas o professor detém o conhecimento legítimo. Esse enfoque transforma a educação em uma prática ética e política, alinhada à busca por justiça social e equidade.

Um ponto central na pedagogia de Hooks, inspirado em Freire, é o reconhecimento da experiência individual de cada estudante. O aprendizado não é neutro; ele é moldado pela história de vida, pelas identidades culturais e pelas vivências pessoais de cada um. Assim, respeitar e valorizar essas experiências torna-se uma condição indispensável para que o processo educativo seja genuinamente libertador. O crescimento intelectual anda lado a lado com o desenvolvimento emocional, permitindo que o aluno compreenda seu papel no mundo e construa autonomia crítica.

Ao mesmo tempo, Hooks aprofunda a reflexão de Freire ao incluir questões de raça, gênero e classe como dimensões centrais do processo educativo. Para ela, uma pedagogia transformadora precisa reconhecer as desigualdades estruturais que moldam as experiências de vida dos estudantes, de modo que o ato de aprender também se torne um exercício de resistência e empoderamento. A educação, assim, deixa de ser um espaço neutro e passa a ser um instrumento de emancipação social e política.

No campo conceitual, desde a década de 1990, a ideia de experiência passou a ocupar um papel central nos debates feministas, especialmente na chamada terceira onda do movimento. Este

período é marcado pela emergência das vozes de feministas negras, latinas, indígenas e de outros grupos historicamente marginalizados, que questionavam a universalização das experiências das mulheres brancas de classe média. Hooks se insere nesse debate, reforçando que a educação deve considerar a pluralidade de experiências e não reproduzir perspectivas dominantes ou essencialistas.

A discussão feminista sobre experiência levanta questões cruciais: quem tem direito de narrar determinadas experiências? E até que ponto a vivência da opressão confere autoridade para falar sobre ela? Hooks dialoga com essas preocupações ao enfatizar que cada estudante deve ser reconhecido em sua singularidade, mas que a educação também oferece ferramentas para que todos possam analisar criticamente as relações de poder, independentemente de sua posição social ou identidade. Esse equilíbrio entre experiência pessoal e análise crítica é um dos elementos mais inovadores de sua pedagogia.

A reflexão sobre experiência leva Hooks a problematizar a ideia de sujeitos essenciais e fixos. Ela adota a noção de que os sujeitos são construídos por práticas discursivas e não discursivas, e que a educação deve atuar nesse processo de construção, ajudando cada indivíduo a se reconhecer e se posicionar em relação às estruturas sociais e culturais. O ensino é também uma prática de criação de identidade e consciência crítica, na qual alunos e professores participam de uma jornada de transformação mútua.

Hooks incorpora a pedagogia de Freire em contextos que muitas vezes são marcados por exclusão e marginalização, como escolas e universidades frequentadas por estudantes historicamente oprimidos. Sua proposta pedagógica enfatiza que a liberdade não é apenas um ideal abstrato, mas uma prática cotidiana que deve ser incorporada em todos os aspectos da vida educacional, desde a forma como o conhecimento é apresentado até a maneira como as relações interpessoais são construídas na sala de aula.

Hooks oferece uma visão da educação que é simultaneamente crítica, inclusiva e transformadora, inspirada por Freire, mas ampliada para considerar questões de gênero, raça e experiência. A pedagogia que ela propõe reafirma que o ato de ensinar é também um ato de libertação, e que cada estudante, ao ter sua voz e experiência reconhecidas, contribui para a construção de um conhecimento mais justo, plural e emancipador. Essa abordagem mostra que a educação pode ser um espaço de resistência e esperança, capaz de formar sujeitos conscientes, críticos e engajados na transformação do mundo.

A partir da década de 1990, a noção de experiência tornou-se um ponto central de reflexão nos debates feministas, especialmente em razão da emergência da terceira onda do movimento. Esse período do feminismo caracteriza-se pela inclusão das vozes de mulheres negras,

latinas, indígenas e de outros grupos historicamente marginalizados, que questionavam a universalização da experiência feminina com base nas vivências das mulheres brancas de classe média. O debate centrou-se em duas questões fundamentais: quem tem legitimidade para narrar determinadas experiências e de que forma a experiência individual se relaciona com a construção de sujeitos. Essa reflexão desafiava a ideia de que os sujeitos preexistem às experiências, destacando que eles são constituídos por meio de práticas discursivas e não discursivas, em constante relação com contextos sociais, culturais e históricos (Perpich, 2010, p. 13-34). Surge, um questionamento crítico: a vivência da opressão confere automaticamente autoridade para falar sobre ela?

Bell Hooks contribui de maneira significativa para essa discussão em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, publicado nos Estados Unidos em 1994. A autora realiza uma autocrítica cuidadosa sobre o uso da experiência em contextos pedagógicos e feministas, refletindo sobre os limites e potencialidades do conceito. Ela compartilha que, ao iniciar sua trajetória como professora, sentiu-se aliviada ao encontrar nos textos feministas a expressão "autoridade da experiência". Essa noção permitiu que Hooks trouxesse à tona as vivências das mulheres negras, um espaço de narrativa que historicamente lhe havia sido negado desde a graduação.

Hooks reconhece que, naquele período, a realidade das mulheres negras era frequentemente invisibilizada na produção acadêmica e teórica. Não existia, segundo ela, um corpo consolidado de referências que pudesse sustentar a análise das experiências dessas mulheres. A "autoridade da experiência" serviu, portanto, como uma ferramenta estratégica, legitimando suas observações e permitindo que seu trabalho alcançasse leitores e ouvintes, sobretudo quando publicou *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*. Na década de 1980, Hooks lembra que "ninguém queria ouvir falar da desconstrução da mulher negra como categoria de análise" (Hooks, 2013, p. 122).

Apesar de reconhecer a importância da expressão, Hooks também alerta para seus riscos. A autoridade baseada exclusivamente na experiência pode se tornar autoritária ou essencialista, caso seja usada de forma rígida ou sem reflexão crítica. Para ela, é fundamental que a experiência seja articulada com análise teórica e contexto histórico, evitando a naturalização de identidades ou a ideia de que determinados grupos possuem uma "verdade" absoluta sobre a opressão.

A reflexão de Hooks dialoga estreitamente com os princípios de Paulo Freire sobre educação libertadora. Para ambos, a experiência individual deve ser valorizada, mas sempre em diálogo com a construção coletiva do conhecimento. O aprendizado se torna significativo quando

reconhece a diversidade de trajetórias e possibilita que os alunos analisem criticamente sua realidade, questionando estruturas de poder e desigualdade (Freire, 2020).

No âmbito pedagógico, Bell Hooks propõe uma abordagem que integra criticidade e inclusão. Isso significa que a educação não deve se limitar à simples transmissão de conteúdos, mas sim envolver todos os participantes do processo educativo na construção conjunta do conhecimento. A ideia central é que o aprendizado seja dialógico: professores e estudantes trocam experiências, questionam ideias pré-concebidas e constroem significados em conjunto, em vez de reproduzir hierarquias rígidas que colocam o professor como único detentor da verdade.

Por exemplo, em uma aula de história, em vez de apenas apresentar datas e fatos, o professor pode incentivar os alunos a compartilhar como determinados eventos históricos impactaram suas comunidades ou suas famílias. Essa troca permite que diferentes perspectivas sejam reconhecidas e valorizadas, tornando o conhecimento mais rico e conectado à realidade concreta dos alunos.

Hooks também enfatiza a importância de criar espaços de escuta e diálogo. Isso envolve não apenas ouvir as falas dos estudantes, mas também respeitar suas experiências de vida e reconhecer que essas experiências têm valor epistemológico. Um exemplo prático disso seria um curso de literatura, onde o professor incentiva que os alunos analisem obras literárias à luz de suas próprias vivências, questionando representações de gênero, raça e classe presentes nos textos. Ao fazê-lo, os estudantes não apenas compreendem melhor a obra, mas também refletem criticamente sobre a sociedade em que vivem.

Ao estimular os alunos a pensar criticamente e a dialogar, a abordagem de Hooks busca formar sujeitos capazes de intervir no mundo e questionar estruturas de poder. Por exemplo, um projeto de ciências em que os alunos investigam problemas ambientais em sua própria comunidade não se limita ao aprendizado teórico: eles aplicam o conhecimento para propor soluções concretas, desenvolvendo cidadania ativa e senso de responsabilidade social.

A pedagogia de Hooks une teoria e prática, reflexão e ação, inclusão e criticidade. Ela mostra que a educação pode ser um instrumento de empoderamento, capaz de transformar não apenas a experiência escolar, mas também a vida pessoal e coletiva dos alunos, fortalecendo sua capacidade de participar ativamente na construção de um mundo mais justo e equitativo.

A discussão sobre experiência, portanto, não se limita à esfera individual. Para Hooks, trata-se de compreender como práticas sociais, culturais e discursivas moldam identidades e possibilidades de ação. Reconhecer as experiências das mulheres negras não é apenas dar voz, mas criar uma base crítica para repensar categorias como gênero, raça e classe. Esse enfoque amplia a pedagogia freireana, integrando questões de interseccionalidade e justiça social.

A autora evidencia que a experiência deve ser mobilizada de maneira ética e estratégica. Ao mesmo tempo em que legitima narrativas antes invisibilizadas, ela exige reflexão crítica sobre o poder, evitando que o próprio conceito se torne ferramenta de exclusão ou autoridade incontestável. Assim, a educação e o feminismo convergem em sua proposta: a experiência é valorizada, mas sempre articulada com análise e construção coletiva de conhecimento.

Bell Hooks demonstra que o uso da experiência pode ser poderoso para desafiar invisibilizações históricas, legitimar narrativas marginalizadas e fortalecer a educação como prática de liberdade. Ao mesmo tempo, ela nos lembra que a experiência, por si só, não garante autoridade absoluta; é necessária reflexão crítica e diálogo constante para transformar a vivência pessoal em conhecimento emancipador. Sua obra, portanto, estabelece um elo vital entre feminismo, pedagogia e resistência social, oferecendo caminhos para uma educação inclusiva, consciente e libertadora.

2.5. HOOKS: CRÍTICA ÀS HIERARQUIAS E AO PODER INSTITUCIONAL

Bell Hooks analisa de forma crítica como as estruturas escolares e universitárias muitas vezes reproduzem desigualdades de classe, gênero e raça, mantendo padrões de poder que marginalizam determinados grupos. Segundo ela, instituições educacionais tendem a refletir a sociedade em que estão inseridas, reproduzindo hierarquias históricas que privilegiam alunos e professores de contextos mais favorecidos enquanto invisibilizam experiências e saberes de comunidades marginalizadas. Esse fenômeno evidencia que a educação formal não é neutra, sendo frequentemente um espaço de manutenção de privilégios, e não de emancipação.

Dentro desse contexto, Hooks propõe uma reinterpretação do papel do professor. Em vez de usar o poder de forma autoritária, o docente deve transformá-lo em uma ferramenta de emancipação, possibilitando que os estudantes desenvolvam autonomia crítica e aprendam a questionar estruturas sociais injustas. Para ela, reconhecer as diferenças de poder entre educador e educando é fundamental para construir ambientes de aprendizado éticos, colaborativos e inclusivos, nos quais o conhecimento seja construído de maneira dialógica e participativa.

A reflexão de Hooks sobre a noção de “autoridade da experiência” é central para compreender sua abordagem pedagógica e teórica. Para ela, a experiência vivida individualmente possui um valor epistemológico significativo, funcionando como uma fonte legítima de conhecimento que pode fundamentar análises críticas e formulações teóricas. Essa perspectiva reconhece que a vivência pessoal não é apenas um dado subjetivo, mas sim um ponto de partida para compreender estruturas sociais, relações de poder e processos históricos que afetam diferentes grupos de maneira desigual.

No entanto, Hooks também adverte para os riscos de interpretações simplistas ou essencialistas da experiência. Quando usada sem reflexão crítica, a ideia de autoridade baseada na experiência pode se tornar excludente, reforçando estereótipos ou tratando identidades como se fossem categorias fixas e homogêneas. Isso seria particularmente problemático no contexto do feminismo negro, em que a diversidade de vivências é ampla e complexa, e reduzir as mulheres negras a uma experiência única ignora suas múltiplas posições sociais e culturais.

Hooks destaca que o verdadeiro poder da experiência não está em sua generalização, mas em sua capacidade de informar e enriquecer o conhecimento, oferecendo perspectivas que não podem ser obtidas apenas por meio de livros, observação distante ou estudo teórico. Ela defende que a experiência deve ser articulada com reflexão, análise crítica e contexto histórico, transformando vivências individuais em ferramentas para questionar estruturas de opressão e construir teorias mais inclusivas e fundamentadas.

Para ilustrar sua posição, Hooks observa que a vivência direta de marginalização, racismo ou desigualdade oferece uma perspectiva única e insubstituível, que não pode ser plenamente compreendida por alguém que não tenha experimentado situações semelhantes. Ao mesmo tempo, ela enfatiza que essa perspectiva deve ser usada como base para diálogo e análise, e não como justificativa para exclusão ou autoridade incontestável. Em suas palavras:

> "Hoje me sinto perturbada pelo termo "autoridade da experiência" e tenho aguda consciência de como ele é usado para silenciar e excluir. Mas quero dispor de uma expressão que afirme o caráter especial daqueles modos de conhecer radicados na experiência. Sei que a experiência pode ser um meio de conhecimento e pode informar o modo como sabemos o que sabemos. Embora me oponha a qualquer prática essencialista que construa a identidade de maneira monolítica exclusiva, não quero abrir mão do poder da experiência como ponto de vista a partir do qual pode-se fazer uma análise ou formular uma teoria. Eu me perturbo, por exemplo, quando todos os cursos sobre história ou literaturas negras em algumas faculdades e universidades são dados unicamente por professores brancos; me perturbo não porque penso que eles não conseguem conhecer essas realidades, mas sim porque as conhecem de modo diferente. […] Esse ponto de vista privilegiado não pode ser adquirido por meio de livros, tampouco pela observação distanciada e pelo estudo de uma determinada realidade. Para mim esse ponto de vista privilegiado não nasce da "autoridade da experiência", mas sim da paixão da experiência, da paixão da lembrança" (Hooks, 2013, p. 122-123).

Nesse trecho, Hooks ressalta que a experiência direta, vivida com intensidade e refletida criticamente, fornece uma perspectiva única que não pode ser replicada apenas por meio da observação ou do estudo teórico. Isso evidencia a importância de diversificar quem ensina, especialmente em disciplinas relacionadas a culturas, histórias e literaturas marginalizadas, garantindo que diferentes perspectivas sejam representadas e valorizadas.

Hooks critica a forma como o poder institucional pode limitar a participação de vozes historicamente silenciadas. Ao enfatizar a necessidade de professores que compartilhem experiências de vida semelhantes às das comunidades estudadas, ela propõe que o conhecimento

seja mediado pela compreensão genuína das realidades sociais, culturais e históricas dos alunos. Esse enfoque reforça a dimensão ética da educação, tornando-a um espaço de respeito, empatia e transformação social.

Para ela, o verdadeiro entendimento de experiências marginalizadas não decorre apenas do estudo teórico, mas da vivência intensa, da reflexão pessoal e da memória afetiva. Essa "paixão da experiência" permite desenvolver análises mais profundas e engajadas, oferecendo aos estudantes e professores ferramentas para questionar hierarquias, preconceitos e estruturas de poder que permeiam a vida acadêmica e social.

A abordagem de Hooks reafirma a ideia de que educação crítica e emancipatória requer a desconstrução de hierarquias tradicionais, o reconhecimento da diversidade de experiências e a utilização consciente do poder docente. Ao transformar o papel do professor e valorizar a experiência direta, a autora propõe um modelo de ensino que integra ética, reflexão e ação social, tornando a aprendizagem não apenas um processo de aquisição de conhecimento, mas também de empoderamento e transformação do mundo.

2.6. HOOKS: A CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADE NA SALA DE AULA

Para Bell Hooks, o processo de aprendizagem não é apenas individual, mas profundamente coletivo. Ela entende que aprender significa também aprender juntos, e que o fortalecimento do sentimento de comunidade na sala de aula promove o compromisso com o bem comum, estimulando o respeito mútuo e a responsabilidade compartilhada (Crenshaw, 1989). Em sua perspectiva, a sala de aula ideal não é apenas um espaço de transmissão de informações, mas um ambiente onde estudantes e professores interagem de maneira horizontal, reconhecendo e valorizando cada voz individual. Esse reconhecimento é essencial para criar um espaço seguro, inclusivo e ético, onde todos se sintam encorajados a participar e a contribuir para a construção do conhecimento.

A comunidade na sala de aula, segundo Hooks, se manifesta através do diálogo, da empatia e da cooperação entre todos os envolvidos. Cada participante se torna coautor do conhecimento, contribuindo com suas experiências de vida, questionamentos e perspectivas críticas. Essa abordagem transforma o ensino em uma prática política e emancipatória, capaz de desafiar hierarquias tradicionais e reproduções de poder presentes nas instituições educacionais (Beale, 1970). Ao valorizar a diversidade de experiências, Hooks fortalece o aprendizado não apenas como aquisição de conteúdos, mas como desenvolvimento social, intelectual e ético.

O feminismo negro, nesse contexto, forneceu conceitos fundamentais para tornar visíveis as experiências singulares das mulheres negras. Em 1970, Frances Beale introduziu o conceito de

“Double Jeopardy” (Dupla Ameaça) para descrever como as opressões de raça e gênero se entrelaçam, afetando de maneira única as vidas das mulheres negras (Beale, 1970). Mais tarde, em 1989, a jurista Kimberlé Crenshaw cunhou o termo “interseccionalidade” para analisar como múltiplas dimensões de desigualdade — como raça e gênero — se combinam estruturalmente, moldando experiências sociais e econômicas, inclusive no mercado de trabalho e nas situações de violência contra mulheres negras (Crenshaw, 1989).

É importante salientar que práticas interseccionais já vinham sendo adotadas por mulheres negras muito antes de serem formalmente nomeadas como “interseccionalidade”. Bell Hooks, embora não utilize explicitamente esse termo em seus trabalhos, segue a tradição do feminismo negro ao analisar como raça, classe e gênero se articulam e estruturam desigualdades sociais. Para isso, ela recorre à noção de *imperialist white capitalist supremacist patriarchy* (patriarcado imperialista da supremacia capitalista branca), que expressa a interseção de opressões sistêmicas e revela como diferentes formas de dominação se reforçam mutuamente.

Ao incorporar essa perspectiva em suas práticas pedagógicas, Hooks demonstra que a educação pode ser um instrumento de transformação social. A construção de comunidade na sala de aula não apenas facilita a aprendizagem, mas também oferece um espaço para que os estudantes compreendam e questionem as estruturas de poder que moldam suas vidas. Esse enfoque fortalece a consciência crítica e promove a formação de sujeitos capazes de intervir no mundo de maneira ética e responsável.

O percurso teórico e prático de Hooks também se insere em um contexto mais amplo de produção do feminismo negro, que inclui trabalhos de outras autoras fundamentais. Barbara Smith, por exemplo, organizou *Home Girls: A Black Feminist Anthology* (1983), reunindo textos que destacam a interseção de raça, gênero e classe na vida das mulheres negras e oferecendo referências teóricas que dialogam com as ideias de Hooks. Esses diálogos fortalecem uma tradição intelectual que busca desafiar a marginalização e visibilizar experiências silenciadas.

Hooks propõe que a sala de aula seja um espaço de autoafirmação e valorização da identidade. Em *Rock My Soul: Black People and Self-Esteem* (2003), ela enfatiza a importância de que alunos negros se reconheçam e desenvolvam autoestima enquanto aprendem sobre o mundo e sua própria cultura. A construção da comunidade, portanto, não é apenas pedagógica, mas também emocional e identitária, oferecendo ferramentas para enfrentar opressões e construir resistência coletiva.

Em *Teaching Community: A Pedagogy of Hope* (2003), Hooks reforça a ideia de que a educação deve ser fundamentada na esperança e no compromisso com o desenvolvimento humano integral. A comunidade de aprendizagem promove relações de confiança, respeito e colaboração,

permitindo que os alunos se engajem de maneira significativa, tanto no conteúdo acadêmico quanto nas questões sociais que impactam suas vidas.

A abordagem de Bell Hooks evidencia que a construção de comunidade na sala de aula não é apenas um recurso pedagógico, mas um elemento central para a promoção de uma educação crítica, inclusiva e verdadeiramente emancipatória. Para Hooks, a sala de aula deve ser entendida como um espaço de participação coletiva, no qual cada indivíduo é reconhecido em sua singularidade e possui a oportunidade de contribuir ativamente para a construção do conhecimento. Valorizar cada voz significa mais do que permitir que todos falem: é criar condições para que diferentes perspectivas sejam ouvidas, respeitadas e incorporadas ao processo de aprendizagem, fortalecendo a diversidade de experiências e a riqueza do debate intelectual.

Ao reconhecer experiências individuais, Hooks enfatiza que o conhecimento não se forma apenas a partir de teorias ou informações acadêmicas, mas também das vivências e histórias de vida dos estudantes. Essa abordagem transforma a educação em um processo dialógico, no qual professores e alunos aprendem mutuamente, compartilhando experiências e reflexões que conectam conteúdos acadêmicos a contextos reais de vida. Por exemplo, em um curso sobre literatura, discutir obras a partir das experiências pessoais dos alunos permite compreender de maneira mais profunda temas como racismo, gênero, classe e identidade cultural, tornando o aprendizado mais significativo e engajante.

O diálogo e a empatia são elementos essenciais nesse processo. Hooks propõe que a comunicação na sala de aula seja caracterizada pela escuta ativa, pelo respeito mútuo e pela abertura para diferentes pontos de vista. Isso cria um ambiente seguro, onde os estudantes se sentem à vontade para expressar suas ideias, questionar normas sociais e refletir criticamente sobre sua própria posição no mundo. Nesse sentido, a sala de aula se torna um espaço de prática social e ética, em que os alunos aprendem a responsabilizar-se não apenas pelo próprio aprendizado, mas também pelo desenvolvimento coletivo da turma.

A construção de comunidade fortalece os vínculos sociais, promovendo solidariedade, colaboração e senso de pertencimento. Quando os estudantes percebem que suas vozes são valorizadas e que suas experiências importam, desenvolvem confiança para contribuir, liderar discussões e apoiar seus colegas. Esse tipo de aprendizado coletivo vai além da aquisição de conhecimentos acadêmicos: ele promove habilidades de convivência, empatia e engajamento social, preparando os alunos para atuar de maneira crítica e responsável na sociedade.

A perspectiva de Hooks também ressalta a dimensão política da educação. Ao criar uma comunidade de aprendizagem, a sala de aula se transforma em um espaço de resistência contra desigualdades estruturais, reproduzidas por hierarquias de poder e exclusão social. Reconhecer e

valorizar as experiências de grupos marginalizados — especialmente mulheres negras e outros sujeitos historicamente silenciados — contribui para desconstruir preconceitos, desafiar normas discriminatórias e promover justiça social dentro e fora do ambiente escolar.

Do ponto de vista pedagógico, essa abordagem implica repensar o papel do professor. Em vez de atuar como autoridade única, o docente se torna facilitador, mediador e participante ativo do processo coletivo de aprendizagem. Ele orienta, provoca reflexões e cria oportunidades para que todos possam se engajar de maneira significativa. Assim, o poder do professor é transformado em instrumento de emancipação, e não de dominação, promovendo relações de ensino baseadas na colaboração e no respeito às experiências de vida de cada estudante.

A forma como Hooks integra a perspectiva interseccional, ainda que não utilize explicitamente o termo. Ela analisa como gênero, raça e classe se articulam, moldando experiências diversas dentro da sala de aula e na sociedade. Essa análise permite que a comunidade educativa reconheça diferenças estruturais e aprenda a lidar com elas de maneira ética e crítica, ampliando a compreensão do mundo e das desigualdades que o permeiam.

Para Hooks, a construção de comunidade na sala de aula é um princípio pedagógico e ético que transforma a educação em uma prática de liberdade. Ao valorizar a diversidade de vozes, reconhecer experiências singulares e promover diálogo, empatia e cooperação, a autora demonstra que o aprendizado coletivo enriquece o conhecimento, fortalece vínculos sociais e contribui para a formação de sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com a justiça social.

Essa visão reforça que a educação não é apenas um processo de transmissão de conteúdos, mas uma ferramenta para a transformação pessoal e social, capaz de empoderar os indivíduos e promover mudanças estruturais na sociedade.

2.7. BELL HOOKS MOSTRA: RACISMO, CAPITALISMO, IMPERIALISMO, PATRIARCADO.

Nos seus trabalhos, Bell Hooks evidencia que as dimensões subjetivas da vida cotidiana — como emoções, desejos, autoimagem, autoestima, relações interpessoais e modos de pensamento — não podem ser compreendidas de forma isolada. Para ela, essas experiências pessoais estão intrinsecamente ligadas a estruturas sociais e políticas mais amplas, como racismo, capitalismo, imperialismo e patriarcado. Ou seja, a forma como sentimos, nos relacionamos e nos percebemos é moldada por sistemas de poder que determinam quem ocupa espaços de privilégio e quem sofre marginalização.

Hooks mostra que as experiências individuais não são meramente subjetivas ou particulares; elas refletem e reproduzem desigualdades históricas e estruturais. Por exemplo, o racismo sistêmico influencia não apenas as oportunidades econômicas e sociais das pessoas

negras, mas também suas vivências cotidianas, autoestima e representações de identidade. De maneira similar, o patriarcado e o capitalismo moldam relações de gênero, expectativas sociais e a forma como indivíduos se posicionam em relação ao trabalho, à educação e à intimidade.

Essa articulação entre subjetividade e estruturas sociais permite que Hooks examine fenômenos complexos de opressão de forma integrada. Ao estudar como raça, classe e gênero interagem, ela revela que discriminações e desigualdades não operam isoladamente, mas se reforçam mutuamente, afetando profundamente as experiências pessoais e coletivas. Essa abordagem explica, por exemplo, por que mulheres negras enfrentam desafios distintos daqueles vividos por mulheres brancas ou homens negros, tanto no mercado de trabalho quanto nas relações afetivas e na representação cultural.

Hooks demonstra que compreender essa interconexão entre o indivíduo e a sociedade é fundamental para qualquer prática de transformação social. Reconhecer como estruturas de poder influenciam a vida cotidiana abre caminho para estratégias de resistência, empoderamento e construção de comunidades inclusivas. A reflexão crítica sobre essas dinâmicas permite que indivíduos identifiquem as origens de suas opressões, compreendam seus efeitos e desenvolvam formas conscientes de agir, seja na esfera pessoal, educacional ou política.

A obra de Bell Hooks nos ensina que a vida subjetiva e as estruturas sociais não são separadas, mas profundamente entrelaçadas. Essa perspectiva integradora é um convite à análise crítica da realidade, mostrando que a luta contra opressões como racismo, patriarcado, imperialismo e capitalismo deve envolver tanto transformações estruturais quanto atenção às experiências individuais, às emoções e aos modos de existir das pessoas. Essa interligação permite que ela mobilize debates em múltiplos campos, tornando sua obra vasta e complexa. Mapear todos os temas recorrentes seria uma tarefa quase impossível; portanto, para fins didáticos, sua produção pode ser organizada em quatro eixos analíticos principais:

Crítica à práxis pedagógica

Crítica à produção cultural

Reflexões sobre espiritualidade, amor e autoestima

Dinâmicas de raça, classe e gênero

É importante notar que Hooks frequentemente retoma experiências e conceitos em diferentes livros. Por isso, esses eixos temáticos se manifestam de forma transversal em várias de suas obras, embora existam livros em que determinados temas recebem atenção mais específica.

No eixo da crítica à práxis pedagógica**,** Hooks concentra suas reflexões principalmente na chamada "trilogia do ensino": *Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade* (EUA:1994/Brasil:2013), *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança*

(EUA:2003/Brasil: em edição pela Elefante) e *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* (EUA:2010/Brasil:2020). Nesses trabalhos, a autora se inspira em Paulo Freire, relatando que seu encontro teórico com o educador brasileiro foi quase uma epifania, especialmente ao iniciar sua carreira docente. Ela buscava práticas pedagógicas democráticas, capazes de valorizar as diferenças e lidar com conflitos de forma ética, respeitando a dignidade humana. Ao mesmo tempo, Hooks não deixa de reconhecer aspectos problemáticos na obra de Freire, especialmente questões de sexismo: "A presença de Paulo Freire me inspirou. Não que eu não visse um comportamento sexista da parte dele" (Hooks, 2013, p. 80).

No eixo da crítica cultural**,** Hooks analisa produções artísticas e culturais a partir de quatro obras fundamentais: duas publicadas no Brasil — *Anseios: raça, gênero e políticas culturais* (EUA:1990/Brasil:2019) e *Olhares negros: raça e representação* (EUA:1992/Brasil:2019) — e duas publicadas nos EUA — *Art on Mind: Visual Politics* (1995) e *Reel to Real: Race, Sex, and Class at the Movies* (1996). Nesses textos, Hooks demonstra a necessidade de descolonizar o olhar e o desejo, realizando críticas contundentes à indústria cultural e aos produtos que reforçam estereótipos. Artistas como Madonna, Spike Lee, Wim Wenders e Beyoncé, entre outros, são analisados a partir de lentes críticas que consideram imperialismo, supremacia branca e patriarcado. Para Hooks, criticar não significa destruir, mas colocar a produção cultural em perspectiva, compreendendo seu valor e seus limites.

O terceiro eixo analítico abrange amor, espiritualidade e autoestima**.** Hooks explora esses temas de forma central na trilogia *All About Love: New Vision* (EUA:2000/Brasil:2021), *Salvation: Black People and Love* (EUA:2001) e *Communion: The Female Search for Love* (EUA:2002). A autoestima é discutida em *Rock My Soul: Black People and Self-Esteem* (EUA:2003). Para Hooks, amor, espiritualidade e autoestima não são questões puramente individuais, mas práticas políticas, ligadas à crítica aos modos de subjetivação capitalistas que promovem individualismo, hedonismo e competição. Cuidar de si, portanto, está sempre conectado ao cuidado com a coletividade.

O quarto eixo, dinâmicas de raça, classe e gênero**,** atravessa transversalmente toda a obra de Hooks. Não se trata de um tema isolado, mas de uma abordagem que permite compreender como essas dimensões estruturais moldam subjetividades, relações sociais e produções culturais. Para descrever essas interseções, Hooks cunha o conceito de *imperialist white capitalist supremacist patriarchy*, evidenciando como opressões de classe, raça e gênero estão interligadas. Essa análise explica como as relações de poder influenciam desde a capacidade de criar e expressar ideias até a formação de masculinidades e feminilidades, passando pela forma como as pessoas ocupam e percebem espaços físicos e simbólicos.

Entre suas obras mais significativas nesse eixo estão: *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo* (EUA:1981/Brasil:2019), *Teoria feminista: da margem ao centro* (EUA:1984/Brasil:2019), *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (EUA:1989/Brasil:2019), *O feminismo é para todo mundo* (EUA:2000/Brasil:2018), *We Real Cool: Black Men and Masculinity* (EUA:2004), *The Will to Change: Men, Masculinity, and Love* (EUA:2004), *Belonging: A Culture of Place* (EUA:2009), *Appalachian Elegy: Poetry and Place* (EUA:2012) e *Writing Beyond Race: Living Theory and Practice* (EUA:2013). Além disso, Hooks produziu livros infantis publicados no Brasil, como *Meu cabelo é de rainha* (EUA:1999/Brasil:2019) e *Minha dança tem história* (EUA:2002/Brasil:2019), ampliando o alcance de suas reflexões sobre identidade e subjetividade para crianças.

A obra de Bell Hooks nos convoca a repensar o mundo e nossas ações cotidianas. Suas teorizações são construídas rente ao corpo, articulando forma e conteúdo para produzir transformações éticas concretas. Hooks consegue denunciar opressões complexas sem recorrer a maniqueísmos ou essencialismos, adotando uma narrativa que, mesmo tratando de temas densos, convida ao diálogo e ao encontro.

Juliana Balta Ferreira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Sandro Garabed Ischkanian

A leitura de seus textos percorre caminhos que são simultaneamente dolorosos e prazerosos, revelando o percurso singular de tornar-se Bell Hooks e as múltiplas dimensões de seu pensamento crítico, pedagógico e político.

2.8. HOOKS: INTEGRAÇÃO DA VIDA PESSOAL E INTELECTUAL

Bell Hooks destaca que a educação deve ser compreendida como uma prática integral, na qual o conhecimento acadêmico não se dissocia da experiência cotidiana dos sujeitos. Para ela, o ato de aprender não pode se restringir ao acúmulo de informações ou ao desenvolvimento de habilidades técnicas; ao contrário, deve contemplar também a dimensão existencial, permitindo que os estudantes cresçam como pessoas conscientes, críticas e capazes de intervir no mundo. Nesse sentido, o aprendizado significativo nasce quando aquilo que é estudado dialoga com a realidade concreta dos alunos, mostrando que o saber não é um corpo abstrato e distante, mas algo que se entrelaça com a vida, com as histórias individuais e coletivas (Hooks, 2017, p. 33).

Ao propor essa perspectiva, Hooks rompe com o modelo bancário de educação, criticado também por Paulo Freire, em que o professor deposita conteúdos prontos em mentes passivas. Para a autora, a sala de aula deve ser um espaço dinâmico e relacional, onde docentes e discentes compartilham responsabilidades e aprendem mutuamente. Ensinar e aprender tornam-se, assim, práticas de liberdade: processos que estimulam a autonomia, a criatividade e a reflexão crítica sobre os dilemas da condição humana.

Cada encontro pedagógico é visto como oportunidade de engajamento ativo, em que os sujeitos discutem temas essenciais como ética, justiça, poder e desigualdade. Essa troca dialógica permite que os alunos percebam as interconexões entre as teorias estudadas e os desafios históricos do presente, tornando o aprendizado não apenas útil para a formação profissional, mas também essencial para a construção de uma cidadania plena.

A sala de aula, sob essa ótica, é compreendida como uma comunidade de saberes. Nela, as vozes dos estudantes não são silenciadas, mas valorizadas, de modo que cada experiência pessoal, cultural e comunitária contribua para o entendimento coletivo. Esse processo rompe com a lógica individualista e competitiva da educação tradicional, promovendo um espaço de solidariedade intelectual, no qual o conhecimento se constrói de forma colaborativa.

Hooks aponta que o aprendizado conectado à vida cotidiana favorece a formação de sujeitos engajados socialmente. Ao relacionar suas próprias vivências com as estruturas de poder — como racismo, patriarcado, capitalismo e desigualdades institucionais — os estudantes ampliam sua capacidade de análise crítica, cultivam a empatia e assumem responsabilidade ética

diante do outro. Esse movimento possibilita que não apenas compreendam as dinâmicas de opressão, mas que também se mobilizem para enfrentá-las.

A proposta pedagógica de Hooks ultrapassa os limites da sala de aula e projeta-se para a vida social e política. O que se aprende no espaço escolar deve reverberar na prática cotidiana, contribuindo para a construção de comunidades mais justas e conscientes. Nesse processo, professores deixam de ser apenas transmissores de informações e assumem o papel de mediadores e facilitadores, enquanto os estudantes tornam-se protagonistas da própria formação.

A integração entre vida pessoal e intelectual defendida por Hooks propõe uma educação emancipatória, capaz de formar indivíduos que não apenas decodificam a realidade, mas que também a recriam. O aprendizado torna-se, portanto, um exercício de liberdade: um meio de transformação pessoal que está intrinsecamente ligado à transformação coletiva e ao compromisso com a justiça social.

Bell Hooks mostra que professores e estudantes, quando compartilham responsabilidades e saberes, contribuem para a construção de uma cultura baseada no respeito mútuo, na confiança e na solidariedade (Balta Ferreira, 2025).

O conhecimento deixa de ser entendido como algo neutro ou isolado, pois passa a ser visto em sua dimensão relacional: ele nasce das experiências compartilhadas, dos diálogos e da interação social (Nogueira Cabral, 2025) .

A sala de aula transforma-se em um lugar em que o pertencimento e o compromisso com o bem comum são fortalecidos, tornando-se um espaço em que aprender é também conviver, aprimorar e construir coletivamente (Drumond Ischkanian & Ischkanian, 2025).

Essa concepção amplia o papel da prática pedagógica, que não se restringe ao desenvolvimento de competências acadêmicas. Mais do que transmitir informações, ensinar e aprender significam moldar atitudes, valores e formas de pensamento que promovem o desenvolvimento integral do ser humano.

Cada encontro pedagógico torna-se, então, uma oportunidade de exercício da liberdade, na medida em que estimula a autonomia intelectual, a consciência crítica e a capacidade de participação cidadã. Em tal perspectiva, o aprendizado se revela, simultaneamente, um direito inalienável, um dever de engajamento e uma prática política que faz da sala de aula um verdadeiro microcosmo de democracia e emancipação.

A proposta de Hooks combina liberdade e responsabilidade, mostrando que esses dois princípios não são opostos, mas complementares. Professores e estudantes tornam-se parceiros na construção de saberes, no enfrentamento das desigualdades e na criação de condições para que cada sujeito possa expressar plenamente sua humanidade. Isso significa que o processo educativo não se limita a transmitir habilidades cognitivas, mas envolve também a formação de uma sensibilidade ética e de uma consciência histórica, capazes de orientar a ação dos indivíduos em direção a um mundo mais justo. A integração entre aprendizado, experiência e ação, defendida por Hooks, faz da educação um espaço de esperança, resistência e transformação permanente.

Ao analisar a realidade das instituições educacionais contemporâneas, Hooks chama atenção para um desafio urgente: a atmosfera de tédio, apatia e desinteresse que permeia muitas salas de aula. Para ela, esse problema é fruto de uma educação tradicional que ainda se organiza segundo modelos fabris ou bancários, nos quais os estudantes são tratados como recipientes passivos a serem preenchidos por conteúdos. Essa prática, além de desestimular o entusiasmo pelo aprendizado, bloqueia a criatividade e a curiosidade natural dos alunos, reduzindo a sala de aula a um ambiente desumanizado e repetitivo (Hooks, 2017, p. 20-21).

Como contraponto a essa lógica, Hooks propõe programas pedagógicos e práticas teóricas que devolvam vitalidade ao ato de aprender. Sua defesa de uma pedagogia engajada e criativa está diretamente ligada à necessidade de reinjetar paixão, interesse e entusiasmo no processo educativo. Para a autora, o aprendizado deve despertar nos estudantes o prazer de pensar, a alegria de dialogar e o desejo de transformar a realidade — elementos que conferem sentido e relevância à experiência escolar e acadêmica.

Nesse horizonte, o aprendizado deixa de ser apenas um processo acadêmico e se configura como um percurso ético e existencial. Reivindicar para si a posição de sujeito, como afirma Hooks (2020, p. 83), é um gesto político e transformador: significa inserir-se na história e na cultura de forma ativa, tornando a própria voz parte do diálogo coletivo. Ao fazer isso, os indivíduos deixam de ser espectadores passivos para se tornarem agentes de mudança, capazes de transformar o mundo por meio da produção de bens materiais e espirituais que nutrem a vida em comunidade.

Esse processo, segundo Hooks, também tem uma dimensão profundamente coletiva. Ao ativar a imaginação e o intelecto, o aprendizado desperta um desejo comum de liberdade, estimulando a criação de novas formas de pensar, agir e viver. O conhecimento, nesse sentido, não é apenas um acervo de informações, mas uma ferramenta para sonhar, inventar e lutar por transformações sociais concretas. Ele fortalece a convicção de que a mudança é possível e que a educação, quando comprometida com a liberdade, pode abrir caminhos para um futuro mais justo e solidário (Hooks, 2020, p. 254).

A proposta pedagógica de Bell Hooks articula experiência, teoria e prática política. Ao valorizar a voz de cada estudante e integrar vida pessoal e intelectual, ela reconstrói o papel da educação como um exercício permanente de resistência contra a opressão. O resultado é uma visão transformadora em que aprender não significa apenas acumular conhecimento, mas cultivar a esperança, a criatividade e o engajamento social necessários para transformar a realidade.

A integração entre teoria e prática ocupa lugar central no pensamento pedagógico de Bell Hooks. Para a autora, desconsiderar a importância da teoria significa fragilizar a luta coletiva contra a opressão e a exploração, já que é ela que oferece instrumentos para interpretar a realidade de forma crítica e propor alternativas de transformação (Hooks, 2017, p. 96). A prática educativa, portanto, não pode ser reduzida a um fazer desprovido de reflexão, assim como a teoria não pode se limitar a abstrações distantes da vida concreta. É na articulação dessas duas dimensões que se abre espaço para a formação de sujeitos capazes de compreender o mundo e intervir nele de maneira consciente e emancipatória.

A interação entre educador e educando precisa estar fundamentada em uma abordagem crítica que mobilize recursos conceituais vindos da filosofia, das artes e das ciências. A pluralidade desses campos de conhecimento possibilita ampliar as formas de ver, sentir e interpretar a realidade, evitando que a aprendizagem se restrinja a uma visão técnica ou fragmentada. Sem essa unidade entre teoria e prática, segundo Hooks, a cidadania plena não se realiza, pois os indivíduos permanecem limitados em sua capacidade de questionar, avaliar e agir de forma autônoma diante das estruturas sociais.

Hooks alerta ainda para os riscos representados pela mídia de massa, que frequentemente veicula conteúdos padronizados, superficiais e industrializados. Essa difusão em larga escala tende a moldar percepções e opiniões de modo acrítico, reforçando estereótipos e bloqueando a liberdade de pensamento (Hooks, 2020, p. 73). Contra esse cenário, a pedagogia crítica deve fortalecer a capacidade de discernimento, estimulando os estudantes a analisar de forma autônoma as mensagens que recebem e a resistir às formas sutis de dominação cultural.

A prática pedagógica inspirada em Hooks valoriza, portanto, a liberdade de expressão, a disposição para o diálogo e o reconhecimento do dissenso como parte essencial da vida democrática. Ao contrário de modelos que buscam uniformidade de pensamento, a autora defende uma educação em que as diferenças sejam respeitadas e discutidas de forma construtiva. Como ela afirma em *Ensinando pensamento crítico*, a democracia só floresce em contextos em que o aprendizado é respeitado, o ato de pensar é compreendido como marca da cidadania responsável e a liberdade de discordar é não apenas tolerada, mas incentivada (Hooks, 2020, p. 45).

Essa visão pedagógica também enfatiza que o aprendizado vai além da dimensão intelectual. Para Hooks, aprender é uma experiência integral que deve articular desenvolvimento ético, emocional e social. O conhecimento só ganha sentido quando se relaciona com a vida dos sujeitos, permitindo-lhes não apenas acumular informações, mas também refletir sobre sua condição, fortalecer vínculos humanos e agir em prol de transformações sociais.

Ao integrar vida pessoal e intelectual, a educação torna-se uma experiência holística, que prepara os indivíduos para enfrentar tanto os desafios internos quanto as estruturas externas de poder. O processo educativo, nesse caso, não se limita a treinar habilidades, mas ajuda os sujeitos a se reconhecerem como protagonistas de suas histórias, capazes de imaginar novas possibilidades e de lutar por liberdade e justiça.

A proposta pedagógica de Bell Hooks revela que o ato de ensinar e aprender não é neutro: trata-se de um gesto político, que envolve escolhas éticas e compromissos sociais. Ao mesmo tempo em que fortalece o intelecto, sua abordagem promove a sensibilidade e a responsabilidade, formando indivíduos críticos, conscientes e engajados. O resultado é uma prática educativa que, ao unir teoria e experiência, transforma a sala de aula em um espaço de resistência, esperança e libertação coletiva.

2.9. HOOKS: FEMINISMO, RAÇA E INTERSECCIONALIDADE

A produção intelectual de Bell Hooks articula pedagogia crítica, feminismo e a análise das desigualdades raciais e sociais, construindo uma perspectiva profundamente interseccional — ainda que a autora não utilize sempre esse termo em suas obras. Para ela, o processo educativo deve ser um espaço privilegiado de questionamento das normas sociais, culturais e institucionais que sustentam sistemas de dominação, como o racismo, o sexismo, a exploração de classe e o imperialismo (Hooks, 2017, p. 42). Nesse sentido, ensinar e aprender não é um ato neutro, mas uma prática política que pode reforçar ou, ao contrário, subverter estruturas de opressão.

Hooks chama atenção para o fato de que a educação, quando orientada apenas pela lógica da chamada pedagogia bancária, tende a domesticar e a reproduzir desigualdades. Sua proposta é

inverter essa lógica, criando condições para que os estudantes desenvolvam consciência crítica e se tornem capazes de identificar, questionar e confrontar injustiças estruturais. O empoderamento, nesse caso, não se reduz ao desenvolvimento individual, mas está intrinsecamente ligado ao fortalecimento de comunidades de aprendizado que cultivam solidariedade, cooperação e compromisso com a justiça social.

Contudo, Hooks reconhece que a construção desse espaço emancipatório enfrenta obstáculos concretos. Em *Ensinando a transgredir*, ela observa que o professor, sozinho, não consegue garantir a ordem necessária para que a comunidade de aprendizado funcione plenamente. Fatores como infraestrutura precária, condições de trabalho, falta de engajamento ou mesmo as dificuldades cotidianas dos alunos podem inviabilizar, em parte, a prática pedagógica (Hooks, 2017, p. 18-19; 212-213). A autora defende a necessidade de planejar estratégias que assegurem a continuidade do diálogo e o compromisso coletivo com a produção de conhecimento. Para ela, é preciso declarar uma verdadeira "guerra" contra todas as forças que enfraquecem esse esforço comum.

Ao refletir sobre o espaço de diálogo em sala de aula, Hooks adverte também para os riscos de que ele se torne ineficaz se não houver direção crítica. Abrir espaço para a fala não significa permitir que vozes se multipliquem de modo desordenado ou desvinculado da reflexão acadêmica. Como ela ressalta, é preciso orquestrar esses momentos para evitar tanto a dispersão quanto o uso da fala como forma de autopromoção, sem relação com o tema em debate (Hooks, 2017, p. 269). O diálogo, longe de ser espontâneo e caótico, deve ser mediado de maneira consciente, de modo a valorizar as experiências pessoais, mas sempre em articulação com o horizonte crítico do conhecimento.

A visão feminista de Hooks, exposta em obras como *Teoria feminista: da margem ao centro* (2019), reforça essa perspectiva. A autora argumenta que o feminismo não pode ser pensado isolado de questões de raça e classe, pois a experiência das mulheres negras e pobres revela dimensões específicas de opressão que o feminismo hegemônico frequentemente invisibilizou. Nesse ponto, sua contribuição converge com o pensamento interseccional de outras intelectuais negras, como Kimberlé Crenshaw, ao enfatizar que gênero, raça e classe não podem ser tratados como esferas separadas, mas como sistemas interligados que moldam de forma particular a vida das mulheres negras.

Ao unir pedagogia crítica, feminismo e a crítica às hierarquias raciais e sociais, Hooks propõe uma educação que seja, ao mesmo tempo, prática de liberdade e projeto de transformação social. Mais do que um espaço de transmissão de conteúdos, a sala de aula torna-se, em sua concepção, um laboratório de democracia, no qual se experimentam relações de poder horizontais,

baseadas no diálogo, na escuta e no reconhecimento da diversidade de experiências. Essa perspectiva pedagógica busca romper com os modelos autoritários e bancários de ensino, desafiando os estudantes a assumir um papel ativo na produção do conhecimento e na construção de um mundo mais justo.

Bell Hooks mostra que ao reivindicar a centralidade da experiência de grupos historicamente marginalizados — como mulheres, negros e pobres —, Hooks demonstra que a educação crítica deve estar enraizada na vida concreta dos sujeitos (Balta Ferreira, 2025).

O aprendizado não pode se dissociar das contradições sociais nem das dinâmicas de opressão que moldam identidades e trajetórias (Nogueira Cabral, 2025) .

O engajamento pedagógico adquire caráter político e ético: educar é formar indivíduos capazes de identificar, questionar e transformar as estruturas que sustentam o racismo, o sexismo, a exploração de classe e o imperialismo (Drumond Ischkanian & Ischkanian, 2025).

Seu trabalho convida professores e estudantes a se reconhecerem como agentes históricos, participantes ativos da luta por liberdade e dignidade.

A prática pedagógica deixa de ser um exercício restrito ao ambiente escolar e passa a se articular com as lutas mais amplas da sociedade, mostrando que o ato de ensinar e aprender pode alimentar a imaginação coletiva e abrir caminhos para novas formas de convivência baseadas na justiça, na equidade e na solidariedade. Trata-se de uma pedagogia que combina rigor intelectual com compromisso social, emoção com reflexão crítica, e que aposta na capacidade humana de sonhar e criar futuros alternativos.

3. CONCLUSÃO

O pensamento de Bell Hooks (1952–2021) consolidou-se como uma das vozes mais originais e transformadoras do século XX e início do XXI, justamente porque soube unir reflexão crítica, sensibilidade ética e compromisso político em torno da educação e das lutas sociais. Sua obra rompe fronteiras disciplinares e convida a enxergar o ensino não apenas como transmissão de conhecimento, mas como prática de engajamento, cuidado e emancipação coletiva. Nesse horizonte, a sala de aula deixa de ser um espaço neutro e se torna um terreno fértil para a construção de comunidades democráticas, nas quais a escuta, a participação e o reconhecimento das diferenças constituem a base do aprendizado.

Ao propor uma educação comprometida com a liberdade, Hooks nos lembra que o conhecimento nunca é separado da vida, e que toda teoria, para ser efetiva, deve dialogar com a prática e com as experiências concretas dos sujeitos. Essa articulação entre vida pessoal e reflexão intelectual rompe com a lógica tradicional da academia, que muitas vezes desconsidera a subjetividade e as vivências cotidianas dos estudantes. Para Hooks, o ato de ensinar exige a capacidade de integrar razão e emoção, crítica e afeto, criando condições para que cada indivíduo reconheça sua própria voz como parte legítima do processo de produção do saber.

Sua abordagem também traz à tona a necessidade de descolonizar o pensamento e questionar os padrões impostos pelo racismo, pelo patriarcado, pelo capitalismo e pelo imperialismo. Hooks nos mostra que as estruturas sociais de opressão não são externas à sala de aula; elas atravessam corpos, discursos e práticas pedagógicas. Por isso, uma educação verdadeiramente crítica precisa estar atenta às hierarquias e desigualdades que permeiam tanto as instituições quanto as interações cotidianas. Ao mesmo tempo, sua proposta não se limita à denúncia: ela aposta na possibilidade de transformação e de criação de espaços mais igualitários.

Para Hooks, a sala de aula deve ser um espaço de colaboração e solidariedade, em que professores e alunos compartilham responsabilidades e constroem coletivamente caminhos de conhecimento. Esse modelo desafia a educação bancária, que reduz os estudantes a receptáculos passivos, e propõe um modelo dialógico em que cada sujeito é coautor da experiência pedagógica. Dessa forma, o aprendizado se torna uma prática de liberdade porque fomenta a participação ativa, o pensamento crítico e o compromisso com a justiça social.

Hooks também alerta para os perigos de uma educação que se afasta do desejo, da curiosidade e da paixão pelo saber. Segundo ela, uma das grandes crises contemporâneas da escola e da universidade é a atmosfera de apatia e tédio que desestimula o entusiasmo dos estudantes. A resposta para esse problema está em resgatar o prazer intelectual, fazendo da aprendizagem uma experiência vital, conectada às questões humanas e aos desafios históricos do presente. Nesse

sentido, a educação crítica deve ser capaz de reacender o desejo de aprender, tornando-se um espaço de esperança e criatividade.

Sua obra ainda enfatiza a importância da teoria, não como um exercício abstrato, mas como ferramenta de resistência e emancipação. Ao defender a integração entre teoria e prática, Hooks destaca que o desprezo pela reflexão crítica enfraquece a luta contra a opressão e limita a capacidade de ação coletiva. A teoria, quando articulada à vida concreta, permite compreender as estruturas de poder, analisar as desigualdades e imaginar alternativas. É justamente essa relação entre pensar e agir que torna a educação um processo transformador.

Na intersecção entre pedagogia e feminismo, Hooks trouxe contribuições pioneiras ao evidenciar como as experiências das mulheres negras estavam sendo silenciadas nas narrativas hegemônicas. Seu compromisso com uma pedagogia interseccional revela que não é possível pensar educação sem considerar as marcas de raça, gênero e classe que atravessam os corpos e moldam as possibilidades de existência. Embora nem sempre utilizasse o termo "interseccionalidade", Hooks desenvolveu análises profundas sobre como essas dimensões se articulam de forma estrutural, denunciando injustiças e propondo alternativas de resistência.

Essas reflexões dialogam diretamente com sua crítica às instituições acadêmicas, muitas vezes marcadas por hierarquias que excluem vozes periféricas. Hooks nos lembra que a pluralidade de perspectivas é essencial para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Ao abrir espaço para diferentes experiências, a educação deixa de reproduzir desigualdades e se torna um ambiente de inclusão e reconhecimento mútuo. A crítica às hierarquias não significa rejeição da autoridade docente, mas sim um uso consciente e ético do poder, orientado para a emancipação e não para a dominação.

O legado de Bell Hooks, portanto, vai além de um conjunto de teorias pedagógicas; ele é também um chamado para a prática política cotidiana. Ensinar, nesse horizonte, não é apenas formar profissionais, mas cultivar cidadãos críticos, solidários e conscientes de seu papel histórico. A educação, como prática de liberdade, desperta a imaginação e a coragem necessárias para questionar normas, enfrentar injustiças e construir novos horizontes de convivência.

Sua obra também nos convida a repensar a dimensão afetiva do ensino. Amor, cuidado e empatia não são elementos acessórios, mas centrais na constituição de relações pedagógicas transformadoras. Ao integrar afeto e crítica, Hooks demonstra que o conhecimento só ganha sentido quando mobiliza não apenas a mente, mas também o coração e o corpo. Essa visão amplia a compreensão da educação como prática integral, voltada para o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões.

Em tempos marcados por crises sociais, políticas e ambientais, o pensamento de Hooks se mostra ainda mais urgente. Sua pedagogia crítica oferece ferramentas para resistir ao avanço das desigualdades e para fortalecer a democracia em sua dimensão mais radical: como prática cotidiana de participação, diálogo e compromisso com o bem comum. Ao inspirar professores, estudantes e comunidades, Hooks reafirma que a educação pode ser um caminho para a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

Celebrar sua obra é, portanto, reafirmar a convicção de que a educação, quando guiada por princípios de liberdade, responsabilidade e solidariedade, torna-se uma força capaz de transformar não apenas indivíduos, mas também coletividades inteiras. Bell Hooks nos deixou um legado que ultrapassa o campo acadêmico: uma pedagogia viva, feita de esperança e resistência, que insiste na possibilidade de sonhar e lutar por um mundo em que dignidade, igualdade e liberdade sejam valores partilhados por todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa de. **bell hooks.** In: Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. 7, n. 2, p. 21-33, 2021.

BAMBARA, Toni Cade (ed.). **The Black Woman: An Anthology.** New York: Washington Square Press, 1970.

BEALE, Frances. **Double jeopardy: to be black and female.** In: BAMBARA, Toni Cade (ed.). The Black Woman: An Anthology. New York: Washington Square Press, 1970, p. 109-122.

CAMPOS, Marcelly; ARAUJO, Débora Cristina de. **O amor como prática educativa revolucionária: o compromisso com uma docência amorosa.** Abatirá – Revista de Ciências Humanas e Linguagens, v. 3, n. 5, p. 300-315, jun. 2022.

CASHMORE, Ellis. Jim Crow. In: **Dicionário De Relações Étnico-Raciais.** São Paulo: Selo Negro, 2000, p. 505-508.

COSTA, Jurandir Freire. Entrevista. In: COUTO, José Geraldo; CORDEIRO, Leny (Orgs.). **Quatro autores em busca do Brasil: entrevistas a José Geraldo Couto.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 31-55.

CRENSHAW, Kimberlé W. **Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics.** Legal Forum, University of Chicago, 1989 [1981], p. 139-167.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DAVIDSON, Maria del Guadalupe; YANCY, George (Eds.). **Critical perspectives on bell hooks.** New York; London: Routledge, 2013.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 38. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 46. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOOKS, bell. **All about love: new visions.** New York: William Morrow, 2000.

HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas públicas.** Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019c.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019b.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo.** Tradução de Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução de Ana Luiza Libâneo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **Rock my soul: black people and self-esteem.** New York: Washington Square Press, 2003.

HOOKS, bell. **Teaching community: a pedagogy of hope.** New York: Routledge, 2003.

HOOKS, bell. **Teaching critical thinking: practical wisdom.** New York: Routledge, 2010.

HOOKS, bell. **Teaching to transgress: education as the practice of freedom.** New York: Routledge, 1994.

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro.** Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, bell. **Wounds of passion: a writing life.** New York: Routledge, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PERPICH, Diane. **Black feminism, poststructuralism, and the contested character of experience.** In: DAVIDSON, Maria del Guadalupe; GINES, Kathryn T.; MARCANO, Donna-Dale L. (Eds.). Convergences: Black feminism and continental philosophy. Albany: State University of New York Press, 2010, p. 13-34.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais.** 3. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SMITH, Barbara. **Home girls: a feminist anthology.** New York: Women of Color Press, 1983.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 14. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

E-BOOK - 2025